Theophilo Dias

A Comedia dos Deuses

POEMA

PRECEDIDO DE UMA INTRODUCÇÃO

POR

M. Pinheiro Chagas

S. PAULO

TEIXEIRA & IRMÃO - EDITORES

54A, Rua de S. Bento, 54A

1887

A COMEDIA DOS DEUSES

Theophilo Dias

A Comedia dos Deuses

POEMA

PRECEDIDO DE UMA INTRODUCÇÃO

POR

M. Pinheiro Chagas

S. PAULO

TEIXEIRA & IRMÃO — EDITORES

54A, Rua de S. Bento, 54A

1887

DUAS PALAVRAS DE INTRODUCÇÃO

Antes de escrever estas duas palavras de introducção ao livro formosissimo que o leitor vae percorrer, folheei aquella interessantissima correspondencia de Edgard Quinet que a sua viuva publicou, e onde se nos mostra, com todo o nitido esplendor da sua candura, aquella alma enthusiastica e ingenua, que foi uma das inspiradoras da geração que precedeu a minha, e que eu ainda encontrei fulgurando no horisonte dos espiritos quando principiei a pensar e a sentir.

Hoje Quinet desperta um sorriso de desdem nos labios dos jovens positivistas. Aquelle sonhador, aquelle phantasista, aquelle critico das religiões com os seus grandes ares de propheta, aquelle grande vaticinador, como lhe chamou Sainte-Beuve, parece um pouco pueril aos leitores de Thiele e aos que amoldam a sua critica das religiões primitivas pelas idéas que Herbert Spencer apresenta.

Relendo porém essa correspondencia, o que n'ella se diz das *Tablettes do juif errant*, a primeira obra de Quinet, e confrontando as indicações que alli encontramos com a concepção grandiosa, estranha, e ainda hoje essencialmente captivadora do *Ahasvérus*, sinto que o homem que cantou este poema e o *Prometheu*, o homem que escreveu o *Genio das religiões*, foi um dos obreiros da mais vasta revolução que se tem operado na historia do pensamento humano. A humanidade procede até certo ponto, no estudo do campo im-

menso da sciencia, como os geographos que levantam o mappa de uma immensa região. Procuram estes, primeiro que tudo, os pontos culminantes que hão de servir de vertices ás suas triangulações, depois os triangulos assim determinados estudam-n'os pausada e rigorosamente, sem esquecer nem um só dos seus pormenores. Esses pontos culminantes que formam os vertices da vasta triangulação do campo que o espirito humano conquista, e mede e lavra, só o Genio os attinge nos seus vôos de aguia; o genio dos poetas, o genio dos sonhadores, o genio dos vaticinadores.

A religião para os homens do seculo XVIII, para os philosophos voltairianos, era apenas uma farça inventada para os crédulos no segredo dos sanctuarios por uns padres burlões. Quinet e os grandes homens da sua geração ergueram de subito um vôo, e foram poisar n'esse pincaro sublime, d'onde viram o sen-

timento religioso não como uma revelação divina, mas como a mais alta e a mais nobre concepção do espirito do homem, como uma aspiração para o ideal, como a essencia mais pura da alma, como a fonte sagrada da poesia, como a creadora das instituições e portanto da ordem social. Esse pincaro, onde Quinet poisou, estava como o Sinay, cercado de nuvens, e de relampagos? Não descia de lá a verdade senão envolta n'uma leve bruma doirada pelo sol da imaginação? De accordo; mas o novo campo onde devia exercer-se a actividade paciente dos investigadores estava delimitado, mas o horizonte estreito em que a concepção religiosa se apertava aos olhos dos discipulos de Voltaire, ampliava-se de subito, e illuminava-se com portentoso clarão. O *Genio das religiões* precedeu a historia das religiões, como a *Biblia da humanidade* precedia a historia da evolução humana. O vidente, como sempre acontece, precedera o investigador, o grande des-

cobridor o cartographo, o poeta que adivinha o erudito que estuda.

E, por um phenomeno curioso, o ponto de partida e o ponto de chegada, estão marcados nas proprias obras de Quinet por estas duas obras tão diversas, consagradas a um mesmo assumpto: as *Tablettes du juif errant*, ultima expressão do velho philosophismo voltairiano em que fôra litterariamente educado o espirito de Quinet, o *Ahasvérus* o poema estranho em que palpitam as convulsões da alma humana na sua laboriosa gestação de um ideal religioso.

E à mãe de Quinet, educada tambem nas tradições voltairianas, que acolhera com um sorriso animador a primeira tentativa litteraria de seu filho, via-o com terror desprender o vôo, após as nebulosidades allemãs, para essas regiões desconhecidas, onde novos ideaes resplandeciam como novas constellações n'um firmamento novo. Recuou assustada diante d'esse no-

vo e estranho mysticismo que invadia a alma de seu filho, que invadia a alma das gerações, e Edgard Quinet, sorrindo-se, recusou energicamente voltar ao seu ponto de partida, e procurou destruir quantos exemplares encontrou d'esse livro frivolo, em que elle ennodoára com a macula de uma concepção estreita e pueril a grande figura symbolica do legendario hebreu, em torno do qual pairava fremente o bando alado dos seus sonhos.

E como os seus contemporaneos o liam com enthusiasmo! e como nós ainda o devorámos com enlevo! Arrebatava-nos aquella fórma estranha, cheia de côr e de grandiosas imagens, acompanhavamos com ardor aquelle espirito febril que via em toda a parte o symbolo enroscar-se nas columnas do grande templo da humanidade, como a folha de acantho se enrolou em torno dos capiteis corinthios, esse genio luminoso que deu um esplendor desconhecido aos dese-

nhos até ahi frios e seccos da historia da humanidade. Povoava de novo a Grecia com o doirado enxame dos seus mythos, as cathedraes gothicas enchia-as de visões phantasticas, e via até nos columnelos graciosos da nossa egreja de Belem, alar-se para o ceu com azas de oiro a nossa alma de marinheiros. A historia, vista assim á luz d'esse criterio, parecia como que uma vasta columnata invadida de subito por um incendio estranho, em que chammas de mil côres a illuminavam de repente, e, sem lhe fazer perder a sua realidade, a transformavam ao mesmo tempo n'uma especie de castello de fadas, de aéria architectura, e de phantasticos lavores.

Foi pois com verdadeiro jubilo que percorri as paginas d'esta *Comedia dos Deuses,* em que o primoroso poeta brazileiro Theophilo Dias vestiu com a magnifica tunica dos seus versos, as grandiosas idéas da primeira parte do *Ahasvéro*. Ainda ha então quem compre-

henda e ame aquelle grande iniciador, aquelle genio fulgurante que sulca as trevas da primitiva historia com o esplendido vôo das suas azas radiosas! aquella columna de fogo que dirige a humanidade como o povo de Israel para os seus novos destinos! quem se deleita com os sons d'aquella epica tuba que desperta os seculos dos seus tumulos e os faz desfilar em cortejo heroico por diante das gerações contemporaneas! d'aquelle pensador, em cujo cerebro germinam, como em densa floresta, todos os ideaes da humanidade! aquelle arya que parece ter conservado no seu espirito a seiva que deu viço e vigor ás frondosas epopéas da India! aquelle poeta que, ao tocar em todas as investigações aridas e seccas, as muda logo, como o personagem da lenda mythologica, em ouro, e que, ao deixar cair dos seus labios a palavra que exprime o seu julgamento historico, a vê, como a princeza dos contos de fadas, transformada em diamante!

Foi essa a notavel physionomia d'esse grande movimento do romantismo, que se seguiu ao movimento revolucionario de 89. A alma humana parece que recuperou a sua mocidade, a frescura das suas impressões, a exuberancia do seu genio primitivo. Mergulhando-se nas fontes vivas da inspiração e do genio popular, teve n'ellas as suas fontes de Juvencio; pedindo ás classes populares, por tanto tempo afastadas do grande movimento politico ou litterario, a sua força e o seu vigor, como que encontrou de novo a pujança e a energia das primitivas edades. Em tudo se mistura essa essencia de poesia que perfuma as almas juvenis; na politica e na conquista, fazendo de Bonaparte um sonhador e um poeta, que transparece nas mais giganteas concepções da administração e do governo; na historia dando a Quinet e a Michelet essa ardente comprehensão do symbolismo; na sciencia illuminando o espirito de Cuvier com uma scentelha do genio crea-

dor, e dando ao espirito de Humboldt uma feição essencialmente contemplativa e poetica; na industria fazendo da vida de Jacquard um romance e um drama da existencia de Fulton. Hoje o positivismo despresa esses sonhadores, sorri-se da puerilidade das suas phantasias, mas é deveras ingrato porque, sem esses precursores, não teria elle aberto o caminho que tão pacientemente explora. A evolução scientifica, da mesma fórma que a evolução politica, pequenos passos faria dar ao progresso, se as grandes revoluções brutaes e violentas não o fizessem trânspôr de subito um espaço immenso. E' um mystico como Colombo que descobre a America, é um espirito de segunda ordem, paciente, laborioso como Americo Vespucio que a fixa nos mappas, e que rouba a gloria ao seu predecessor.

Foi uma excellente idéa que teve o sr. Theophilo Dias de pôr em versos portuguezes aquella estranha

concepção da primeira parte do *Ahasvérus*, e praza a Deus que o exito que este livro deve forçosamente obter o induza a applicar o mesmo processo ao resto da obra de Quinet. Não podia encontrar mais brilhante interprete o grande poeta francez. A nossa lingua, tão cheia de côr e de harmonia, presta-se admiravelmente a dar uma fórma esplendida áquellas concepções deslumbrantes, de uma vegetação oriental, de uma exuberancia indiana, que nos faz pensar no *Ramáyana*. Demais a lingua portugueza no Brazil, manejada por um escriptor de pulso como o sr. Theophilo Dias, enriquece-se de um modo estranho, toma novas fulgurações, como os pobres pyrilampos da Europa que na America do Sul se mudam em aladas estrellas. A metrificação variada, mas variada com arte infinita, presta uns mysteriosos effeitos a algumas das suas scenas mais dramaticas. Não queremos fazer transcripções; indicamos apenas ao leitor os trechos

em que a poesia portugueza reproduz todo o effeito grandioso da concepção genial de Quinet. Vejam a scena do diluvio por exemplo, o banquete real no cimo da torre sobre o immenso naufragio da humanidade, o Oceano que sobe, que levanta subitamente a sua voz á porta da sala do festim. E' extraordinario de grandeza, de poesia, de sublimidade! Leiam ainda a viagem dos magos, a melancholia singular das suas fallas, quando vêem fugir as cidades populosas, os palacios resplandecentes, sem que a estrella lhes indique ainda o berço do novo Deus. Todas as scenas de Bethlem são de uma suavidade, de uma fragrancia indizivel, que contrasta de um modo admiravel com a grandeza epica das scenas da creação primitiva, e com a estranheza deslumbrante d'aquelles córos das cidades orientaes, das esphinges, dos griphos, das tribus errantes, dos titans, com todo aquelle drama ou comedia babylonica, tão estranho e tão bello que nos

parece que nos achamos n'uma cathedral gothica, e que todas as visões cinzeladas pelo architecto nos rendilhados de pedra tomam de subito voz, e erguem, no pavido silencio da noite, um côro mysterioso e estranho!

Á sublimidade da idéa correspondeu a sublimidade da execução. O livro do sr. Theophilo Dias é digno do pensamento de Quinet, e a sua *Comedia dos Deuses* ha de tomar, entre as obras primas da nossa poesia n'este seculo, um logar eminente.

PINHEIRO CHAGAS.

PREFACIO

A primeira parte do *Ahasvero* de Quinet prende-se ao todo da obra por um fio tão imperceptivel que se pode quebrar sem prejudicar a acção geral. É em si mesma uma acção completa; é a acção do divino no tempo e no espaço, desde a creação até o nascimento de Christo.

Primeira feitura do Eterno, o Oceano se lamenta de ver-se solitario na sua propria immensidade. Logo apparecem Leviathan, Vinateyna, a Serpente e o peixe Macár, que povôam ceus, terra e ares. Mal surgem do nada, examinam curiosamente o habitato que os encerra. Vendo-se sós, proclamam-se senhores d'elle; e cegos de um orgulho, de que

escarnece o velho Oceano, bradam em côro: Nós é que somos Deus! Mas subito sahem das cavernas os Gigantes e Titans, fragmentos de montanhas, acordados de longo somno, e animados por um sopro de vida. Esmagam sob os pés os crocodilos, amassam pedras e limo, erguem muros gigantescos, e erigem em pyramides os rochedos que cobrem de runes e hieroglíphos. Além da terra e do firmamento, não conhecem o Deus, que os animou. Irritado, o Padre Eterno ordena ao Oceano que apague com as suas vagas este esboço de vida, que o descontenta. Sobrevém o diluvio.

No solo ainda mal enxuto, agitam-se novas tribus menos grosseiras, menos terrestres. Rastrêam em tudo quanto vêem os passos do Creador; para conhecel-o, interrogam a natureza; no afan de encontral-o, migram, como as aves de arribação. Uma d'essas tribus desce ao longo das margens do Ganges; outra toma por guia o grifo para o Irand; a terceira segue o vôo do ibis, até o Egypto.

Por uma noite do Oriente, a lua, uma estrella, uma flôr do deserto e as ondas do Euphrates revelam os mysterios da natureza oriental; e a este concerto casam-se um suspiro de escravos, um pensamento de rei

e um côro de sacerdotes. A historia dos seculos sem annaes é narrada pela bocca das esphinges. A este canto, unem-se as vozes de Thebas, Ninive, Persepolis, Palmyra. Subito, Babylonia, a primogenita das cidades, propõe que funda-se de todos os deuses um deus unico, lançando cada cidade n'uma vasta caldeira os idolos que adora. Em meio d'este trabalho, surprehende-os Jerusalem. Não traz idolos, mas uma nova: n'essa mesma noite, ao romper do dia, os prophetas annunciaram-lhe um Deus, nascido em uma estribaria, em Belém. Brilha no firmamento uma estrella. Tres reis magos, deputados do Oriente, vão adorar o Deus recemnascido. No estabulo, sobre o qual vôam e trinam passarinhos, o Christo, ao acordar, recebe os magos e os pastores. Aquelles lhe offerecem um calix, em que beberam todos os reis do mundo, e uma corôa pesada, guarnecida de cravos de rubins. O menino assusta-se; prefere os dons innocentes dos pastores aos dons dos reis, que regressam chorando; e os carros e as parelhas, vendo que os presentes dos reis valem aos olhos de Jesus menos que a offerta dos escravos, recusam acompanhal-os no regresso. O sol do antigo Oriente empallidece; o dia do Occidente se levanta. Termina o episodio a cri-

tica da creação pelas potestades infernaes, que acham ridicula a comedia divina.

Sobre este thema teceram-se os versos da *Comedia dos Deuses.*

I

O OCEANO
A SERPENTE, LEVIATHAN, VINATEYNA
O PEIXE MACÁR

O OCEANO

Basta, Senhor, de accumular as vagas
Sobre o meu largo peito
Que com o liquido peso immenso esmagas.
Como de espaço estreito,
A tua urna cheia já despede,
Pela borda escorrendo, as gottas de ouro.
É cheio o bebedouro:
Quando virá, Senhor, matar a sede
Teu rebanho offegante?
—Tu com o sopro me abates;

Tu flagellas-me os flancos; tu me feres
A ilharga fumegante;
E nem ha mais que esperes
Que, á pressão dos agudos acicates,
Possa correr mais rapido; e, precipite,
Cedendo á força tua,
Lamber com a vaga ao céo o azul limite,
Que, quanto mais avanço, mais recúa.

Em vão do abysmo o fundo pulso e cavo
Com as patas orvalhosas;
Em vão, turbido e bravo,
Longe sacudo as crinas espumosas;
Em vão remoinho, cheio de furor:
— Onde vamos, Senhor?
Ha muito tempo que amontôo e rólo,
Pelo caminho, as ondas em voragem;
E não tenho o consôlo
De ver jámais o termo da viagem.
Viverei a fitar, sempre, isolado,
Na minha immensidade, a propria imagem?
Nunca me será dado
Escutar outra voz

Resoar-me no ouvido?
—Outro som, que não seja o meu rugido
Horrisono e feroz?

Hontem, quando festivo
Do nascente luar o raio intenso
Roçou-me o cimo ondeiante e fugitivo,
Senti um goso immenso.
Pareceu-me, Senhor, que me affagava
A tua mão com languidas caricias;
Correu-me o dorso um tremulo arrepio,
Quando julguei-a ver, que me enlaçava
A collo um aureo fio;
E penetrado de intimas delicias
Fiquei-me palpitando,
Como se uma aza electrica, espalmada,
Passasse-me, voando,
Por sobre a crina crespa e desgrenhada;
Mas tanto que tocou-me o ancioso peito,
Vi o raio saltar, todo desfeito,
Em fôfa espuma, rórida e nevada.

Ah! si me fosse deparada alguma
Amiga praia, — um mundo que não eu,
N'essa praia eu faria o leito meu,
E todo o fabricára de alva espuma,
Da poeira das perolas mais finas,
De rutilos crystaes,
Raizes de alga, conchas purpurinas,
E vistosos coraes.
Minhas aguas veria
Brilharem no meu leito, ebrias de amor,
Como o gladio, que pende e que irradia
Do teu cinto, Senhor!

LEVIATHAN, *lançando-se do abysmo*

Quem do abysmo arremessou-me?
Quem de escamas scintillantes
O rude corpo forrou-me?
Que mão potente rasgou-me
As mandibulas hiantes?

A onda inquieta rasteja
Nas praias a murmurar;
O vento surdo rouqueja,
Nos penedos, ao passar;
Dormem as ilhas nas brumas;
Fervem candidas espumas
No crespo dorso do mar.

Longe, as vagas se encapellam
Em montes alevantados,
E turbidos se atropellam
Como famintas ninhadas
De crocodilos, que luctam,
— Como que a posse disputam
Do regaço maternal.

E á doce luz virginal
Que esparge emtorno a manhan,
Brilham as cristas doiradas
Das montanhas elevadas,
Como escamas trituradas
Nos dentes de Leviathan.

VINATEYNA

Oceano, vitreo mar!
Nas solidões amargas
Recolhe as aguas largas,
Assim como ao pairar
O vôo vagabundo
Suspendo sobre o ar.
Deixa-me ver ao fundo
Do vasto sorvedouro,
Onde a agua jaz e dorme,
Meus pés, meu bico de ouro,
Minha envergura enorme.

Aonde estava eu,
— Si o pódes revelar, —
Esta manhan, oh mar?
N'alguma argentea rocha,
Que as nuvens rasga ao céu,
Dormia acaso eu,

Na pluma molle e frouxa
Do fôfo ninho meu?
Do cahos á beira, ancioso,
O collo eu escondia
Nas azas, de medroso?

Acaso inda dormia,
Da vaga aos sons, que rugem,
Envolto na pennugem
Primeira — alva e macia?

Quem foi que do meu ninho
A's nuvens arrojou-me?
Que forte mão lançou-me
Ás solidões do ar?
Quem disse-me o caminho,
Por onde hei-de voar?
Quem azas desatou-me?
Desde esse instante vou-me
Voando, sem parar,
Voando, sem receio,
Deixando escorregar
Do largo bico de ouro

Os grãos com que semeio
Da vida o sorvedouro.
As plantas e as florestas
Subito brotam — lá
Por onde os lanço. Em festas
A natureza está.
Dos lyrios o racimo
Eu gero nos vallados;
A tamara no limo,
O baobab nos prados.
Das rochas sobre o cimo
Semeio, com amor,
A vinha; sobre os montes
A urze; e, em derredor
Das crystallinas fontes,
Dos salgueiraes a flôr.
Já fremem os juncaes,
As folhas sussurrando;
E os astros immortaes
Se movem, como um bando
De passaros doirados
Que deixam o seu ninho,
E voam em caminho
De climas affastados.

A SERPENTE

Tivesse eu azas, como as tuas! — Fôra,
Em antes de fallar,
Rasgando o ceu por esse espaço afóra,
A's nuvens mais altivolas pairar;
E em torno perscrutar
O que vae pelo mundo.
Mas, não as tenha embora,
Eu me erguerei do fundo
Da lama, para ver
O universo ao nascer.
E' esta, é esta a arvore da vida!
Em volta do seu tronco e dos seus ramos
Vou enroscar-me, estreitamente unida.
Agora, assim, vejamos
D'este universo a imagem.
Com a minha cauda immensa o chão rastejo;
Com mil cabeças erriçadas beijo
O vasto ceu, por cima da folhagem;
Com mil olhos perscruto a terra toda;

Com mil linguas dardejo
Atro veneno em roda.
Mas em verdade nada mais eu vejo
Que altas montanhas, que em anneis ondeiam,
Mil rios, que serpeiam,
Sob as florestas deslisando lentos,
E o corsel Semeheu que, enfurecido,
Pelas garras dos djins corre pungido,
A argentea cauda sacudindo aos ventos.
Eil-o muda de côr a cada instante,
Já pallido, já negro, já brilhante,
Já revestindo o azul do céu sereno,
Já da côr do veneno
Que me escorre da bocca fumegante.
Causa piedade e dó.

LEVIATHAN

Vê do lado do mar.

A SERPENTE

Vejo o peixe Macár
Que a tromba a Behemoth
Roubou. Ah! quem me dera
Aos meus anneis ligadas
As ageis barbatanas com que nadas!
N'um momento soubera
O que ruge no fundo
Das vagas irritadas.

LEVIATHAN

Ninguem tu vês, portanto,
Que nos veja senhor em todo o mundo;
Nós é que somos reis.
Em nós parou a creação. Oh! quanto
Eu tremia ao pensar
Que os rochedos reveis

De subito crescendo
Podiam vomitar
Um rei, de escamas revestido e horrendo!
E houvessemos de entrar
Novamente no abysmo escuro e triste!
Dize-nos tu: que viste?

VINATEYNA

Ao mais erguido vertice subi
Da arvore do mundo;
Dos astros o mais rapido segui
No vôo vagabundo;
E dos valles ao fundo
Onde a chuva não vae, veloz desci;
E n'isto apenas vi
A matutina e doce cotovia
Cantando branda e leda,
E o canario, que o ninho suspendia
A dois fios de seda,
E alegre e diligente
De manso o embalava
Sobre o mundo nascente.

O PEIXE MACÁR

Com a tromba revolvi
Os turbilhões da espuma aspera e brava:
E perscrutei a voz profunda e cava
Dos abysmos do mar, onde desci;
E nada mais ouvi
Que a onda, que rouqueja
E em paços de crystal brilha e verdeja.

LEVIATHAN

Assim, estamos sós.
Aqui, alli, além, embaixo e em cima
Ninguem mais do que nós.
Formou-se o livro para que eu imprima
N'elle os largos vestigios de meus passos;
E o mundo distendeu-se nos espaços
Talvez unicamente

Porque a eterna serpente,
No circulo, que fecha, e que dilata,
Cinja-o perpetuamente.
E agora que nas garras o arrebata
O immenso, eterno abutre, que descerra
Os vôos desmedidos
Nos abysmos do espaço rugidores,
Somos de todo o céo, de toda a terra,
Em todos os sentidos,
Unicos deuses, unicos senhores.

O OCEANO

Procuremos ainda; procuremos;
Os ramos das florestas sacudamos;
Os crystallinos lagos revolvamos;
Mais o limo cavemos.
Quem se mecheu na fenda
D'esta marmorea gruta?
Quem sacudiu a venda
D'aquella nuvem, que no espaço nuta?
N'essa nuvem é onde

Alguem talvez se esconde,
Alguem que nos escuta,
E cuja espada rutila resôa
Mais alto que as escamas estridentes
De Leviathan. — E as azas, com que vôa,
Do vasto abysmo sobre o sorvedouro,
Ave do bico de ouro,
São, mais que as tuas, largas e imponentes.
Durante a noite, e em antes da alvorada,
Elle as vagas impelle em remoinho
Diante de si, como o leão marinho
A soffrega ninhada.
Elle acordou-me quando
Tudo ainda dormia;
E eis some-se, em brilhando
No céo a luz do dia.

TODOS

Mentiste! Maldição ás vagas tuas,
Mais verdes que o veneno viperino!
No vertice de espuma esmeraldino,

Com que ferves e estúas,
Os genios maus da noite as azas rocem;
Aguas revoltas o teu seio engrossem,
E no abysmo sem praia
A ponte Tchinevad desabe e caia!
Unamos nossos gritos n'um só grito:
O estalar das escamas,
O vôo da aza e dos anneis o atrito.
Agucemos o bico contra as ramas,
A garra contra o tronco; e os dentes brancos
Contra o duro granito;
Sacudamos a cauda em torno aos flancos;
E, ferindo-o com a pata,
Soar façamos o areial de prata.
Trepido marulhar de barbatanas
Na vaga; sons de folhas e ravanas,
Fumegantes narinas,
Longas, espessas crinas,
Que as ventanias rispidas desgrenham,
Rochas que se despenham
Com rapidez estranha,
Avalanches, que rodam da montanha,
Gritos, silvo, rugido,
Feitos n'um só e tetrico ruido!

Dize-nos tu, encanecido Oceano,
Si o teu bramir insano
Horrisono e feroz,
Pode soar mais alto que esta voz?

Invisiveis espiritos desferem
O vôo pelo espaço;
Com a fronte os grifos o nevoeiro ferem,
Que, rolando em balcão turbido e baço,
O vasto céo povôa.
A Eternidade dos leões na fronte
Cinge a immortal corôa.
Em plantas e animaes, ou prado ou monte,
A vida ferve, estua, escorre ou sôa
De uns a garupa lubrica pulando,
Toda em suor se banha
Bem como a luz que, em borbotões golfando,
Das narinas do sol se desentranha.
Crinas ao vento soltas,
Quaes lianas revoltas,
Sacudidas de um vento aspero e forte,
Plumas brilhantes, perolas envoltas
Na lama dos paúes,

Olhares do infinito dardejados
Á mais pequena folha, que esquecida
Dorme em grutas azúes,
Sede de morte,
Sede de vida...
Dize-nos, mar, em tua immensidade,
Nada indicio te dá da divindade?

Em vão do tempo as azas fugidias
Hão de trazer e de levar os dias
Na eterna successão;
Ninguem nos verá gasta a garra adunca,
Nem maculada a ponta da aza; — nunca
Das chuvas a aggressão
Ha de a côr desbotar das nossas pennas.
Volvendo as aguas limpidas, serenas,
Da vida a lympha que ligeira foge,
De mil annos ao fim, verá, como hoje,
Intacta a nossa imagem,
No espelho transparente,
Revestida de esplendida plumagem.
Seguindo a mesma intermina viagem,
Pelo mesmo caminho passaremos,

Sem nunca descançar;
Nas nuvens, amplas azas abriremos
Sem jamais as fechar.
Em columna angular formem-se as aves
Para fender o vento;
E a mais veloz, movendo as azas graves,
Que o bando no fluido elemento;
E subindo n'um vôo aos ceus profundos,
Em rude grito brade
A' vasta immensidade:
Onde estás, rei dos mundos?
E então só tu, Leviathan, descendo
Á lama dos paues, que te sepulta,
Na profundez da terra, que te occulta,
Responderás horrendo,
N'um bramido feroz:
— Os deuses — somos nós!

II

CORO DE GIGANTES E TITANS

Soou, irmãos, a hora; é tempo. Fatigados,
Saiamos dos covis, no rochedo talhados.
Foi-nos longo o dormir. Pesadello violento
Opprimiu-nos o peito, abafou-nos o alento.

Como um sonho que esvae-se e logo se renova,
A creação, mudando as fórmas inconstantes,
Vagamente nos fez, dos rochedos na cova,
De horror estremecer as almas de gigantes.

Ante o olhar, que o pavor e a noite dilatavam,
Monstruosas visões sinistras nos passavam,
Surgindo para logo em sombras se perder;

Longo tempo, do cahos nos abysmos profundos,
Cansados de esperar, contemplamos os mundos
Em arrancos de dor, luctando por nascer.

Recordaes-vos, irmãos, da mudez que cellava
Em nosso labio a voz? do phantasma de vida,
E do spectro de mar que lento espadanava
Na pedra, que nos tinha a fronte adormecida?

Dos confusos clarões, que inda vida não eram,
E nem morte tambem, e nem noite, e nem dia,
Mas frouxas sombras vans, que outras vans sombras geram,
Como n'um pesadello o pensamento as cria?
Do dragão, que no espaço as azas estendia,
Com as azas fecundando, asqueroso e medonho,
A creação, que nós entrevimos em sonho?

UMA GIGANTA

Recordaes-vos tambem d'esse suspiro vago
Que o abysmo exhalava e os seres repetiam,
E das gottas subtis de sangue, que pendiam
Da abobada, cahindo em invisivel lago?

Auguram-nos, irmãos, estas visões fataes
Alguma eterna dôr. — Ao lethargo e abandono
Podessemos voltar do nosso fundo somno
E nunca mais transpor-lhe os lugubres humbraes!

CORO DE GIGANTES E TITANS

A' obra! á obra! sus! coragem! Trabalhemos!
Façamos colossaes cidades subterraneas;
Ávante! emquanto o solo é humido, amassemos
Os rudes alcantis com as nossas mãos titaneas.

Esmaguemos aos pés os gigantescos fetos,
Que, altos como a palmeira, ao ceu mostram erectos
Os validos perfis, condensados e bastos,
E a profunda raiz ferram no chão tenaz;
Esmaguemos aos pés os crocodilos vastos,
Que revolvem, rugindo, a lama dos juncaes.

Misturemos a argila e a usnea da palmeira,
As escamas do peixe, os dentes do elephante,
E da feroz serpente a horrida caveira,
Soterrada no lodo ainda fumegante.

Amassemos nas mãos o limo aspero e duro;
Trabalhemos! — no solo estendamol-o em massas;
Coragem! vae subindo a obra, como um muro.
— Já da floresta em torno a cada tronco escuro
Se vão amontoando as putridas carcassas
Dos monstros que na praia, oh mar, tu despedaças!

Rochas, nosso pensar, gravado no granito,
Nos flancos elevae-o, indelevel, inscripto.

Hieroglifos fieis, lettras intraduziveis,
Caracteres de jaspe e porphido brilhantes,
Conservae, repeti, signaes incorruptiveis,
Eternamente a lingua e a historia dos gigantes.

Em abobada curva, em cavernas enormes,
Massa fragil e molle ás nossas mãos cedendo,
Rasguemos sem descanso as montanhas disformes,
Cahindo os alcantis com estampido horrendo.

O sopro da manhã, sonoro e puro, agita
As folhas, — do universo á arvore infinita;
A' sombra se lhe cava o abysmo do passado,
E o corpo a tiritar, decrepito, enrugado,
Encolhe a Eternidade.
A vida, que desponta,
Ha de ser para nós uma serie sem conta
De seculos sem fim, succedendo-se os dias
Em numero maior que o das folhas, que crias,
Oh arvore do mundo! — Um termo no futuro
Não vemos para nós. Mais pesado, mais duro
Que o teu tronco, ha de ser o nosso imperio immenso,
E do que a sombra tua, á noite, mais extenso.

Eis se ergue o nosso Deus no seu throno grandioso;
Seu craneo é o firmamento esplendido, radioso;
Por cabelleira veste as lianas da floresta,
E serve-lhe de cinta o oceano todo em festa,
Que em torno lhe murmura, e aos rins enormes lhe ata
Uma faixa de luz, como aguas côr de prata.
É-lhe fulminea espada a luz dos sóes intensa.

UMA GIGANTA

Maldição! Sobre nós eil-a brilha suspensa!

(A ilha afunda-se).

III

O PADRE ETERNO, *ao Oceano*

Como phrase incorrecta
No meu soberbo livro mal escripto,
Vae apagar a terra, a nodoa abjecta
Que ultraja a creação, bella, infinita.

O OCEANO

Corro a cumprir teu mando irrevogavel.
— No vertice do mundo já não resta
Mais que a torre de um rei, que se inebria
N'uma ruidosa festa.
Meu diluvio fatal, inexoravel,

Em menos de uma hora,
Ha de colhel-o, no fervor da orgia,
Sob a onda invasora.

O REI, *á mesa, rodeiado dos seus principes*

Como um lago, o diluvio abrange, alaga,
A humilhada planura,
Mas, ponha embora vaga sobre vaga,
Não roçará jámais a excelsa altura
Dos meus paços altivos.
Cubra, esborôe o tecto dos captivos;
Embora ruja o oceano furioso;
Os meus guardas fieis hão de impedil-o
De devassar-me ao paço poderoso
O vedado sigillo.

PRIMEIRO SATRAPA

Se elle viesse, rei dos reis, seria
Para lamber-te os pés.

SEGUNDO SATRAPA

Ou trazer-te, talvez,
Um diadema das perolas, que cria.

O REI

A minha mesa sentados,
Mil reis estão reunidos,
De ouro e purpura vestidos,
De luxo e luz fascinados.

E para o gozo profundo
D'estas frontes corôadas,
Todas as pombas do mundo
Subiram minhas escadas.

Cem dromedarios forçosos
Trouxeram sobre o seu dorso,
Curvados a tanto esforço,
Os vinhos mais generosos.

Por cem camellos possantes
Foram de longe trazidos
Manjares appetecidos,
De aromas sobrexcitantes.

Tudo é esplendido e bello
N'este festim de alegrias;
O vinho, havemos bebel-o,
E comer as iguarias.

Antes que a aurora doirado
Tenha os vastos céus azues,
Os astros terão findado
O seu banquete de luz.

E o mar, na amplidão sombria,
Immerso n'um somno vago,
Terá da taça vazia
Sorvido o ultimo trago.

Só para nós, os monarchas,
Vencendo os tempos fataes,
As vidas de patriarchas
Não se acabarão jamais.

Silencio! que ruido
Escuto, — como a onda
Que, n'um penedo erguido,
Abalroando — estronda?

PRIMEIRO SATRAPA

É o gemer funéreo,
Oh rei! — da plebe vil que se lamenta.

O REI

O ruido avulta, augmenta...

SEGUNDO SATRAPA

Senhor, é o soluçar do teu imperio

O REI

Recomecemos, pois, em côro, o canto
Até á meia noite. A chuva densa
Em torrentes sussurra. Brilham raios.
Como um navio rôto, que naufraga,
Vem o mundo, debaixo de meus olhos,
Despedaçar-se, para dar-me gosto.
O universo, ao morrer, me não merece
Dos meus labios de rei mais que um sorriso.

Oceano, mar longinquo! has já contado
Os infindos degráos do meu palacio?
Ha mais de cem, de marmore e de bronze.
Pobre creança, que o furor desvaira,
Não resvalem teus pés nos meus ladrilhos!
Cuidado! não os manches com a saliva!
Inda antes que insensato a meio os vingues,
Has de esconder-te sob o veu de espumas,
E envergonhado, timido, arquejante,
Fugirás murmurando: — eis-me sem forças!

Os abutres do mar de ti recuam;
Sobem de rastros o rochedo agudo
Onde o ninho cavaram; — tentam loucos,
Abrigar, proteger, com o peito arfado,
Dos teus ataques, — a ninhada implume.
O olhar em chamma, as plumas erriçadas,
Mettem, movendo o bico e as duras azas,
Terror ás tuas vagas. Tu, persegue
Os abutres do mar, si tens o intento
De roubar-lhes ao ninho palpitante
A prole, em que a pennugem mal desponta.

Aqui, na minha torre, ninho de aguias,
Como has de, sobrepondo vaga a vaga,
Sem vertigem, subir a tanta altura?
D'este festim esplendido, soberbo,
Condescendo em lançar-te uma migalha:
— Desvia-te; — prosegue o teu caminho.

PRIMEIRO SATRAPA

Batem á porta.

O REI

Acudi-me!

SEGUNDO SATRAPA

É o teu herdeiro. Já
Não te conheço.

O REI

Quem está?

O OCEANO

Não ouvis? Abri-me! abri-me!

O REI

Soccorro! Oceano terrivel,
De espumas cheio, invencivel,
Porque me bates á porta!
O que buscas? a que vens?
Queres meu manto? Ahi tens.

O OCEANO

O teu manto, que me importa?
Elle é pequeno demais
Para os meus hombros reaes.

O REI

Si tu queres beber em taça de ouro
Um vinho, que embriaga,
Eis a minha; eu t'a dou; vale um thesouro;
Lanço-a na tua vaga.

O OCEANO

Não pode a tua taça, rei, lenir-me
A sêde; a tua offerta é para rir-me.

O REI

Queres minha corôa fulgurante?
Eu a deponho em tua fronte túmida.

O OCEANO

Eu prefiro da vaga a poeira humida
Para cingir-me a fronte triumphante.

Mas quero ao teu festim, onde o luxo pompeia,
Sentar-me. Vae reinar sobre os meus grãos de areia.
Um passo mais, e estou no throno, no teu posto.
Eis-me sobre elle já. Como sinto-me a gosto!
Boia um floco de espuma onde existiu um mundo.
Quero tambem sentir, no coração profundo,
As commoções de um rei; sobrepôr á thiara,
Ao sceptro, aos vazos de ouro, a minha mão avara,
E com elles brincar, e lamber voluptuoso,

Esgotando uma a uma as sensações do gozo,
As taças do festim, que embriaguez distillam.
Este vinho allucina. As vagas, que vacillam,
São subditos fieis, que em torno me cortejam,
Curvam-se até o chão, e a terra humildes beijam.
Vamos! dobrae a fronte em signal de respeito!
Agora quero ouvir romper do vosso peito
Um côro colossal de gritos e gemidos!
Silencio agora! vêde! — Os meus rios, sem raias,
Com as vagas esmagando os pampanos das praias,
São os meus escanções. — O gozo me inebria!
Tudo se ha de dobrar á minha phantazia!
Mugidoras Babeis levanto; e uma por uma
Derribo, a bel-prazer, suas torres de espuma,
Do meu peito feroz ao minimo palpite.
O meu reino não tem nem praia, nem limite.
Meu coração não cede ás flechas implumadas.
Oxydam-se em meu seio as fulgidas espadas.
Si uma nodoa me ultraja, a minha propria vaga,
Revolta, murmurando, a mancha vil apaga.
Nada em mim deixa um rastro; excepto que não seja
O meu manto, em que o sol, mirando-se, flammeja.

IV

TRIBUS HUMANAS
REUNIDAS NO ALTO DO HIMALAYA

UMA CREANÇA

Pae, fita, em meio, o mar, longe da praia,
Vê como a espuma cobre o azul marinho!
Acaso um passarinho
Que pela vez primeira o vôo ensaia,
Baldando esforços por voltar ao ninho,
Na vaga se afogou, que o vento engrossa?
— Ou com as azas acaso uma aguia o roça?

OUTRA CREANÇA

É da tamara a flôr, que esfolhei hoje
Na corrente da lympha prateada;
— De vaga em vaga solitaria foge,
E vae de riba em riba arrebatada,
Até sumir-se, errante,
Onde ramo não ha que a embale e agite,
Como innocente infante
Que no berço dormite.

UM VELHO

Não é um passarinho
Que se afogou no mar,
Nem da tamara a flôr, no azul marinho
Ligeira a resvalar.
Não ouvis um lamento
Que sôa em cada onda, e freme, e corre,

Um murmurio trepido que morre
Longe, no mar, levado pelo vento?
Nunca exhalara um grito tão profundo,
Que tão alto subisse,
O mar, si inteiro um mundo
Nas vagas se aluisse!
— Julgo escutar mil gritos que esmorecem,
Longos, desesperados,
Mas na distancia intermina perdidos,
— Echos de mil segredos dos passados
Tempos, que se esvaecem
No fundo de outras éras escondidos!

CORO DE DONZELLAS

Pae, os olhos desfita
Da marinha amplidão, lobrega e negra;
O rumor, que te anceia,
É o das folhas do lotus, que palpita,
E de nascer se alegra.
E aquelle borborinho
É voz das fontes de tremente veia,

Que buscam seu caminho,
E perguntam-n'o ás arvores e ás flôres,
E a cada passarinho.

—Arvoredo, que a sombra em torno estendes,
Com alegres verdores,
Avesita, que esplendes,
Com teo estranho brilho,
E miras-te em meu limpido crystal,
Qual o caminho, o trilho
Que me conduza ao val?

— Fonte fresca e sonora,
Inda hontem nascida,
Onde mergulho agora
A ponta da aza, multicôr vestida,
Segue-me o vôo em rapida corrida.

— Espelho crystalino
Onde estes ramos, que meneio,—inclino,
Á minha sombra passa;
De pedra em pedra sôa, e te espedaça.

As successivas aguas, que apressuras,
Amiudem-te os passos;
Lá no fundo do valle, que procuras,
Suspira o oceano, que te estende os braços.
Elle te espera sobre areias de ouro,
Vagas azues o seio lhe entumecem,
Que, reflectindo os céos, no sorvedouro
Vasto e profundo, quêdas adormecem.

CORO DAS TRIBUS

Salve, dia sonoro!
Salve, noite gentil, do dia filha!
Salve, rios, montanhas, mar canoro!
Como o orvalho, que brilha,
O seio ás flôres entumece e esmalta
Antes que o sorva o sol com os raios de ouro—
Como a lympha na origem ferve e salta
Primeiro que encha o leito e as margens suma
Sob os frescos lençóes de branca espuma,
E o recem-nado abutre do Himalaya,
Antes de conhecer o praino e a senda

Por onde o vôo estenda,
Primeiro as azas frageis ensaia,
—Nossas tribus se adunam no seu berço,
E contemplam, suspensas, o universo!
Na selva as folhas a palmeira agita,
O lago enruga a superficie pura,
No intimo seio a alma nos palpita.
Á folha da palmeira, que murmura,
Ao brando lago, ao seio palpitante,
Quem lhes dirá quem fez a noite escura,
Rapido o vento, e o dia scintillante?
Á montanha, — quem fez a onda bella
Que ao sopé lhe marulha?
Ao mar, quem fez a estrella
Que na vaga mergulha?
Dos ginetes á crina,
Quem brisas engenhou para erriçal-a?
E ao seixo da corrente crystalina,
O leito, onde resvala?
Um alveo te darei de conchas de ouro,
Si contas-me, onda azul, que a espuma arreia,
Quem te fez rebentar á flôr da areia.
Frondoso sycomoro,
Com aguas de um regato hontem nascido,

Saciar-te as raizes
Prometto, si me dizes
Quem de verdes folhagens te ha vestido,
Que de cabellos fulgidos te servem.
Serpente, cujas côres vivas fervem,
Dou-te um leito de areia, onde te roles
Em movimentos lubricos e molles,
Si me contas que mão de habil artista,
Com divina palheta,
Compoz-te a pelle, que deslumbra a vista,
E de escamas cambiantes te marcheta.
Revelae-me, rochedos elevados,
Onde elle imprime as pegadas estranhas
Dos pés agigantados;
Quero seguil-o ao alto das montanhas,
E ao florescido seio dos vallados.
Quando a primeira vez o passarinho
Azas ensaia, por deixar o ninho,
Guia-lhe o vôo um pae todo amoroso:
— E onde está para nós o pae cuidoso,
Que nos mostre o caminho?

E é forçoso partir! — As andorinhas
Para o lado do mar o vôo arrancam,
Escurecendo as solidões marinhas
Que os frios ventos matinaes espancam.

Tambem a alma salta-nos fremente,
Na estreiteza do peito comprimida,
Como a cegonha no seu ninho quente,
Quando é chegado o dia da partida.

Leves nuvens de candidos vapores
Lá se vão no horisonte conglobando,
Como grupos de placidos viajores
Sob as tendas de linho repousando.

Apressurando o passo, o rio espuma;
Teme tarde chegar; as ilhas passam,
Como um bando de garças que esvoaçam
De pontos brancos maculando a bruma.

O vento varre o enxame sussurrante
De aguias que sobre os mares remoinham,
E erriça as crinas do corsel errante:
— Na marcha universal todos caminham.

E como a fonte que na aurora vindo
Á flôr da terra, ignora em que paragem
Ha de á tarde passar, —vamos seguindo
A multidão dos seres em viagem.

V

VOZES NO UNIVERSO

Vinde! apressae-vos!

PRIMEIRA TRIBU

Deixo-me levar
Da corrente do Ganges magestoso,
Que tem as margens largas como o mar,
E ondas profundas como o céó radioso.

SEGUNDA TRIBU

O meu guia é o grifo, que parece
Forte como o leão,

E veloz como a aguia que dispara
O vôo na amplidão.
Uma corôa a fronte lhe guarnece,
E quando acaso no deserto pára
O leão emmudece.

TERCEIRA TRIBU

De um guia sei mais rapido que o rio,
E, mais que o grifo, experto;
E' o ibis sombrio,
Que, quando no deserto
Repousa á sombra dos palmares quêdo,
Profetisa o futuro,
E si se arrasta em aspero rochedo,
Evoca as sombras do passado escuro.

(Partem).

PRIMEIRA TRIBU

Rio do Ganges, corres mais violento
Que a rapida gazella;

Susta o passo um momento
Á corrente fugaz, limpida e bella:
O impeto lhe abranda, a fuga mede;
Pois de outra sorte em tua lympha clara,
Não poderemos nós matar a sêde:
Um só instante — pára.

O RIO

E' cedo, é cedo ainda! — E' longe a meta,
Onde repousareis da dura lida.
— No dorso arrasto um lyrio branco e leve
Que encerra no seu calice de neve
O licor de Ammireta,
Que perpetúa a vida.
Quando houvermos chegado,
Approximae dos labios anhelantes
O calice sagrado.

PRIMEIRA TRIBU

Ao menos, rio de ilhas murmurantes,
Conta como será o porto amigo
Onde acharemos lar, conforto, abrigo.

O RIO

Sob indianas figueiras, ampla e rica
A região dilatei, onde floresçam
Vossas tribus, e cresçam
Como as vagas que o oceano multiplica.
E como cada dia
Eu abundante a enchia
Com as minhas grossas aguas,
Vós a enchereis, estranhos peregrinos,
De tumulos e hymnos,
De suores e lagrimas de maguas.
Florirá vosso nome do--futuro
Nos seculos remotos,
Como hoje ri-me á face a flor do lotus,
Semente outr'ora no meu limo escuro.
Como na praia as conchas, que semeio,
Deuses sem conta gerareis da mente,
Como da amlaka o fructo, que abre o seio
N'uma noite outonal, morbida e quente.

PRIMEIRA TRIBU

Como ora as aguas lentas e pesadas
Volves por entre os arcos de savanas!
Os perfis das palmeiras levianas
Cobrem-te a flôr de sombras perfumadas.
No crystalino somno, que te affaga,
        Mal se ouve a tua vaga,
        Que resfolga dormente
        Murmurar-te de manso:
Ah! leva-me comtigo, alva corrente,
        No placido remanso!

O RIO

Como estas aguas, lentas e sombrias,
Presas por entre as margens vão descendo,
        Assim os vossos dias
Nos limites do tempo irão correndo.

PRIMEIRA TRIBU

Pára, soberbo rio.
Não vês, já perto, a superficie larga
Do oceano immenso, intermino, sombrio,
Que os passos já te embarga,
E de frente te investe?
Desanda ao valle humilde onde nasceste,
Ou então vais perder-te eternamente,
Com as tuas aguas de ouro,
Abysmado no fundo sorvedouro,
Que te espera, bramindo impaciente.

O RIO

Hão de assim vossas tribus no futuro,
Vossos seculos, deuses e cidades,
Cahir no vasto e escuro
E insondavel abysmo das edades.

UM MENINO DA SEGUNDA TRIBU

Erriça-se de pedras o caminho;
Rasgou-me o pé descalço agudo espinho;
Paiz do Iran é esse que se alcança
Com a vista além? E' o termo da viagem?

A MÃE

Ainda não. Coragem!
Em breve havemos de chegar, — descansa.

O MENINO

Já não posso mover siquer um passo,
Correndo sempre, o grifo sorve o espaço;
Cahe sobre as azas, quando os pés lhe cansam.

A MÃE

Si um momento parares,
Genios malignos te erguerão aos ares,
Onde giram e dançam.

O MENINO

Não! eu não quero sêr
Pelos genios levado!
Mas tenho o pé dorido e ensanguentado;
Vou acaso morrer?

UMA PERI

Não chores; ao meu collo te pendura;
Repousa do cansaço:
Envolve os pés na minha trança escura;
Quero ao paiz do Iran levar-te ao braço.
Si tens sêde, á raiz dos altos montes
Manam frios regatos crystalinos;

Manam tambem de naphta mornas fontes,
Para aquecer-te os membros pequeninos.
Si as entranhas á fome te palpitam,
Acharás frescos figos delicados,
Da tamareira os fructos perfumados
E laranjas, que do ouro a côr imitam.
Encontrarás tambem, quando passares
Pelas margens dos golphos azulados,
Gottejantes de espuma — os avatares
De femininos corpos delicados,
Que com acenos magicos incitam
A que os sigam, nas aguas, onde habitam.
Por sobre areias scintillantes, puras,
Rios verás correndo mais ligeiros
Que um tropel de arquejantes cavalleiros
Fazendo resoar as armaduras;
—Sobre as pendentes redeas inclinados,
Como n'um turbilhão arrebatados.
Largo em roda o deserto se dilata;
Da myrrha o aroma lhe perfuma o peito
Mais cheiroso que o cinto que desata
Do niveo collo tua mãe no leito.

Alli branqueia a neve
O cimo do alto monte

Melhor que a mitra leve
Do sacerdote a fronte.
Alli mil annos ha que se embalançam
Os lagos nos seus valles florescidos,
Como em tendas azues — adormecidos
Tranquillos reis que sonham e descançam.

O MENINO

Quero, avistando esse paiz formoso,
Ouvir a voz do rio estrepitoso
Correndo sob os arcos dos palmares;
Os lagos surprender no somno leve,
E apalpando-lhe a branca e fria neve
Aprender a canção dos avatares.

A PERI

Ao capricho de tua phantasia
Quantas cidades surgirão! — Sombria

Babylonia verás, triste, arquejante,
Como a leôa que durante o dia
Não mitigou a sêde devorante.
Das margens, que refresca o Euphrates ledo,
Verás Bactres fugir para a montanha,
Como o unicornio para o seu rochedo.
Como em feixes o junco se emmaranha,
Verás como Persepolis potente
Columnas mil marmoreas desentranha
Do seio dos marneis, humido e quente.
Das côres do iris, quando o sol desponta
De Ecbatana os muros são vestidos;
E, si duvidas, no passar as conta.
Mil deuses, como tu hontem nascidos,
Ao caminho virão para encontrar-te;
Os leões de Persepolis, batendo
As azas de granito, hão de saudar-te,
E lindas fadas da Chaldeia, — lendo
Em estrellas gentis de tua edade,
Dirão o teu horoscopo. — Em teus sonhos
Nada a que sejas rei te persuade?
Não passam já phantasmas coroados,
Grandes cidades, seculos risonhos,
Que o futuro te estende, — desdobrados

Como um tapete, em que teus pés resvalam?
Nem aves agoureiras
Que, saudando-te á sombra das palmeiras
Quando passas, te fallam
Da linhagem de reis, que a ti se prendem,
E do teu nome no futuro pendem?

O MENINO

Rapida vaes correndo. Na planicie
Mal dos lagos distingo a superficie
Que tremeluzem quedos;
Mal vejo os passarinhos
Que se embalam nos ninhos
Entre os ramos dos curvos arvoredos,
Que o vento açoita e abana.
É alli Babylonia? É Ecbatana?

ULTIMA TRIBU

Repara que sinistra sombra escura
O ibis lança sobre a areia fria!
Máu fado nos augura:
Antes fosse outro o guia.

UMA MULHER

Nem uma vez parou
De uma arvore de incenso, ou gomma, perto.
Porque não nos deixou
Da Arabia no deserto?
Porque não nos deixou no verde asylo
Dos oasis floridos?
— E semeiar-nos veiu junto ao Nilo,
Bem como os ovos da avestruz, — perdidos
N'uma praia de limo, onde a primeira
Tempestade nefasta
Nos ha de espedaçar! — Na traiçoeira
Corrente — o rio arrasta
Torvos espectros, com uma furia brava;
Subitamente, a nossos pés, o sólo
Em valle, como em tumulo, se cava;
O ibis curva a cabeça sob o collo;
Pára; — e jaz, a dormir, da mesma sorte
Como si fôra um symbolo de morte.

O IBIS

Si tu soubesses, tribu hontem nascida,
Onde nos leva este caminho tredo,
Antes de o encetar,
Paravas no limiar
Da funesta avenida.
Não te enregela o medo
De mais a dentro penetrar na vida?

ULTIMA TRIBU

Sim; cansa-nos da vida o peso odioso:
Viver, não mais que um dia, é o que nos basta:
Mal transpomos o nada, o sol radioso
Do Oriente nos deslumbra e as forças gasta.
Como nocturnos passaros colhidos
Ás subitas, da luz, que enche os espaços,
Atordoados, timidos, tolhidos,

Nós hesitamos em seguir-te os passos!
Em vez de entrar na vida, antes nos leva
Á densa, escura treva,
De onde vimos, que funda nos acoite:
As azas nos empresta,
Ave triste e funesta,
Que nos guiem de novo á eterna noite,
De onde não vem quem vae!

O IBIS

Pyramides primeiro levantae,
Onde vos encerreis,
Como os vermes nas conchas se agazalham:
Um dia, dormireis
Á sombra, que as pyramides espalham.
No seu vertice agudo
Eu ficarei pousado, triste, mudo,
Bem como, á noite fria,
Immovel, agoureiro,
O mocho sobre a tenda se arripia
Do arabe forasteiro.

Quando fôr tempo, hei de acordar-te. Dorme,
Povo do Egypto, teu dormir pesado,
Como o deserto enorme,
Nas areias, monotono, prostrado.
Tuas esphinges colossaes, estranhas,
Já leito cavam na abrazada terra,
E o abutre das montanhas,
Sobre os teus obeliscos de granito,
Com as palpebras de pedra os olhos cerra.
Tu, abutre do Egypto,
Sob as azas escuras
A cabeça recolhe, emmudecida
Té ás eras venturas.
O respirar da esphinge adormecida
Fará rumor mais vivo
Que o passar successivo
Dos teus sinistros seculos de vida.
Povo de hontem nascido, immovel ficas
Ao limiar do nada
Como os leões á entrada
Das estranhas cidades que edificas.
Ser-te-ha, em torno, tudo
Funebremente mudo,
Morto profundamente.

E em tua vasta solidão, — sómente
Hão de se erguer, da noite no remanso,
        Babylonia e Ninive,
Pé, ante pé, descalças, e de manso,
Como quem teme o placido descanso
        Turbar de quem não vive.
Tu jazerás no somno mortuario
        Sinistramente immerso,
Emquanto as alvas brumas do universo
Teu corpo envolverão como um sudario.

VI

NOITE DO ORIENTE

CORO DE ESTRELLAS

Grifo e ibis vão levando
Tribus que vão procurando
As terras do seu destino:
Tambem um guia divino,
Da fria noite ao relento,
Pelos montes nos conduz
E valles — do firmamento
Feitos de nuvens e luz.

A LUA

O patriarcha chaldeu,
Diante da tenda sentado,
Contempla o rebanho seu,
Pela encosta derramado.
Tambem, pastora amorosa
Do meu rebanho de estrellas,
Vou cantando a todas ellas
Uma canção luminosa:
—Oh meus rebanhos! — pascei
Em torno á tenda que armei
Sobre nuvens côr de rosa.

UMA ESTRELLA

Em sua cidade enorme
Cada tribu sonha e dorme;
E cada estrella scintilla,
Palpita, treme e vacilla
Na sua roupa de prata.

Meus raios pendem revoltos
Sobre cada columnata
De Persepolis; — e, soltos,
Nas torres altas e bellas
De Ninive, — e nas janellas;
Porém rutilam melhor
Em Babylonia; nos tectos
Cahem timidos, discretos
Com scintillações estranhas,
Sem um rumorejo leve;
Bem como flocos de neve
Sobre o cimo das montanhas.

OUTRA ESTRELLA

Talvez façamos, oh manas,
A mesma ignota romagem,
Que cabe ás tribus humanas
Que estamos vendo em viagem...

Como essas tribus — perdida
Quero conversar com ellas,
Em phrase de luz vestida,
Na nossa lingua de estrellas.

Até tenho o pensamento
De — preso n'um raio louro,
Mandar-lhes um sonho de ouro,
Dando as palavras ao vento.

O vento as repita á flôr
Do deserto amplo e sombrio;
A flôr as repita ao rio,
E o rio — por onde fôr.

UMA FLOR DO DESERTO DA SYRIA

Pende-me a fronte e esmorece
Das estrellas ao clarão;
E o meu calice entumece
Orvalho suave e ledo,
Semelhante a um coração
Que está cheio de um segredo,
Que quer dizer, — mas em vão.

Na mudez da noite langue,
A minha flôr, que palpita,
Tingiu-se da côr do sangue,
Como a roupa de um levita.

Dos brancos astros o hymno,
Vibrando sonóro lume,
No meu calice argentino
Misturou-se ao meu perfume.

Eu trago um segredo immerso
No meu calice risonho:
— A explicação do universo,
Que, á noite, escapou-lhe em sonho.

Falta-me força, em verdade,
Para o repetir; mas vós
Dizei-me — qual a cidade
Que está mais perto de nós?

Acaso é Jerusalem
Ou Babylonia? Pois bem!
Vós que passaes, vinde aqui,
Vinde o mysterio colher,
Que no calice prendi,
E a fronte me faz pender.

O EUPHRATES

Oh flôr do deserto, inclina
Um pouco a leve cabeça,
E o teu suspiro me desça
A' corrente crystalina.
De vaga em vaga, saltando,
Pela corrente levando
Irei os segredos teus,
Para depol-os, de manso,
Em prateiado remanso
Juncto á torre dos chaldeus.

HABITANTES DE BABYLONIA ÁS JANELLAS

O Euphrates brilha, ferido
Da luz dos astros, — assim
Como um punhal, estendido
Sobre a mesa de um festim

Nem murmurara mais brando,
Nem tão doce brilharia,
Si ao fundo fosse rolando
Ouro, prata e pedraria

UM REI

Nem si de um imperio antigo,
Com deuses, levitas, reis,
Thiaras, purpuras, leis,
Seu leito fosse o jazigo.

UM ESCRAVO

Nem si um povo inteiro, em magua,
Nas margens fitando a espuma,
Deixasse cahir-lhe n'agua
As lagrimas, uma a uma,

CORO DE SACERDOTES

Fére o luar dormente
As inscripções sagradas
Da rainha — Semiramis, gravadas
Do monte Assur no marmore nitente.

Fulgem d'aqui as lettras, inflammadas
Como si igneo buril em pedra abrira
Do firmamento as phrases constelladas.

Como a lyra responde aos sons da lyra
N'um coro, assim a voz dos astros pura
Casada á voz dos povos nos suspira:
— E esta harmonia seculos perdura.

Povos e povos géra e multiplica
O Oriente, e imperios ao redor pompeia,
Como a noite, que os céus, profusa e rica,
De astros de ouro semeia.

O primeiro vagido do universo
Ainda vago sôa
Da creação no berço:
Emquanto o Grande-Espirito povôa
As palpitantes, gravidas entranhas
Da terra e dos espaços,
Descubramos na neve das montanhas
Os recentes vestigios de seus passos,
Respiremos o aroma, que vapora
A creação em flôr,
Tepida ainda, na primeira aurora
Do alento creador.
Como o arabe acorda, á madrugada,
Com as sombras nocturnas,
Para beber as gottas da orvalhada,
Antes que as roube o sol das flóreas urnas,
-- Na ante manhã do mundo, antes que aponte
O sol no firmamento,
Vamos haurir do Eterno o pensamento,
Emquanto ferve e lhe transborda a fonte.
Gotta a gotta --eil-o cahe do céu radioso;
Róra de cada estrella vacillante;
Bebamos-lhe o licôr inebriante,
Como o effluvio de um vinho resinoso

Vem, oh povo do Egypto!
Vinde, povos da India e da Chaldeia,
Libar a taça em que fermenta a idéa
    Fecunda do infinito.
    Bebamos afanosos,
    Com soffrega alegria,
Na taça que o Eterno deixou cheia,
Ao despedir-se dos festins ruidosos
Da creação, no seu primeiro dia.
Já o universo aos olhos nos vacilla
E todo se reparte em deuses varios;
    Seres extraordinarios
Nos crescem ante a pavida pupilla.
Uns têem cabeça de homem, corpos de aves;
    Outros—fórmas suaves
De mulher, com cabeça de serpente:
    São espectros medonhos,
Como os que surgem no pavor dos sonhos,
    Vaga e sinistramente.
Assim succede n'uma orgia, quando
A embriaguez deforma e multiplica
Visões sobre visões que vão passando.
Cada conviva fascinado fica;
As mesas cambaleiam e se abatem;

Vazos de fina pedraria rica
Uns contra os outros crepitantes batem.

Povos, a taça do Senhor libemos,
Emquanto o tempo não nos traz o dia,
Em que o vasto universo contemplemos
Como flor murcha e fria,
Que o sol da Arabia rapido consume.
— Talvez que então a taça, que resume
Do Eterno o vinho, havemos de chegal-a
Aos labios sequiosos, — encontral-a
Exhausta e sem perfume.

VII

CORO DE ESPHINGES

Por Memnon! como em grupo é grato, unidas,
Deitarmo-nos na arcada de Luxor!
Sobre os curvos joelhos, — encolhidas,
Para podermos respirar melhor,
    Descansemos os peitos;
    Curvemos os quadris
    De aspera rocha feitos;
    Os collos feminis
    Ás brisas desvendemos,
    E ás garras desatemos
As faixas que nos cobrem as pupillas
    No rosto de sybillas.

Desgrenhadas, até este momento,
Temos corrido, sem achar abrigo;
Da Eternidade, desde o nascimento,
Somos correio. — «Messageiro amigo,
Leva esta nova ao fim do meu imperio.
— É distante! é distante! —
Pelo caminho lugubre, funereo,
Não ha sombra, que cresça,
Nem para o pasto relva que floresça,
Nem tecto, que da calma desafronte.
Que me dareis em paga? — Sobre a fronte
Por docel, — o meu céu, ermo, inimigo;
Por pasto, — o cahos; — o abysmo — por abrigo.

Mas Thebas, que me achou,
Meu templo levantou,
E abrigo me cavou
Nas rochas de Carnac. — No entretanto,
Quando me róe a fome secular,
Devoro as folhas asperas do acantho
Que vivo a contemplar
Das columnas nos altos capiteis;
Si em torno rugem-me os tufões crueis,

Eu, que tremula e pallida me encolho,
De Giseh á pyramide me acolho.

UMA ESPHINGE

Para um ser eterno, vôam
Breves os dias, — passando;
Emquanto estamos fallando,
Mais de mil annos se escôam.

Cada phrase, que exhalamos
Tem um seculo de dura;
Cada suspiro que damos,
Mais de mil annos murmura.

Quando as faixas apertamos,
Que as nossas frontes abarca,
N'esse trabalho esgotamos
A vida de um patriarcha.

O petreo collo, ao deita-lo
No nosso leito funereo,
Gastamos, para ageita-lo,
A duração de um imperio.

Do diluvio a areia, em combros,
Tenta cobrir-nos; em vão!
Estremecendo com os hombros,
Sacudimo-la no chão.

CORO DE ESPHINGES

Passae deante de mim, passae, sem medo,
Patriarchaes edades numerosas,
Tempos dos deuses, éras mysteriosas,
Perdidas do passado no segredo.

Annos da juventude do universo,
De que a distancia apaga a voz e o brilho,
Deixae que eu só, em extasis immerso,
Vos veja deslisar pelo ladrilho
Da minha escadaria,
E em torno ás vossas vestes silenciosas
Vos cinja, com as garras monstruosas,
Larga faixa de treva, espessa e fria.
Passae, carros de guerra,
Sem levantar o minimo ruido,

Com as vossas rodas rapidas na terra,
E sem deixar no sólo percorrido
O mais leve signal.
Cavalleiros de gesto marcial,
Exercitos soberbos e aguerridos,
De aspecto féro e nobre,
Deixae que eu lance a areia, que me cobre,
Sobre os vossos vestidos.
Sem arautos passae, passae sem trompas.
Sem sandalias, sem pompas,
Tribus, imperios, povos inconstantes,
Que o véu do tempo esconde,
Raças sacerdotaes, que ides errantes,
Sem que se saiba aonde
Passae, velhas Babéis agigantadas,
Cidades encantadas,
Torres, cuja alta fronte as nuvens roça,
E suffocae nos seios comprimidos
O vosso respirar, que ninguem ouça.
Passae, tambem, oh reis desconhecidos,
De cuja barba e candida cabeça
Té aos joelhos róla a nevoa espessa
Dos cabellos compridos.
Deuses, que á minha sombra impenetravel,

Achaes occulto abrigo,
Esculpi-me na fronte inalteravel
Vosso mysterio antigo.
No passado infinito,
Só eu sei de onde vindes, e as edades
Que todos vós contaes;
Porém nunca meus labios de granito,
Oh velhas divindades,
Vos trahirão jamais.

Mil seculos vão passar...
Silencio! Não despertemos
As cidades, que devemos
Com vigilancia guardar.
Tranquillo lhes seja o somno!
Cada rei durma em seu throno,
Cada deus no seu altar.

Vêde! Tude vae bem!— Os rios fendem,
Sem murmurar, os valles florescidos;
As estrellas solicitas accendem
Ponctualmente as lampadas divinas,
Para fiar as teias argentinas
Da luz de seus vestidos;

Sem se enfadar do intermino caminho,
Volve o deserto a areia em remoinho;
E o mar, de encontro ás plagas,
Sem revoltar-se, despedaça as vagas.

Perscrutemos em torno algum rumor que passe...
Algum reino desaba? algum deus novo nasce?
Ouve-se o baqueiar enorme da ruina
De um imperio, que cahe? um povo se amotina?
Com a bocca de granito eu bramirei:—Holá!

THEBAS

Esphinge! Veio alguem do Tauro ou de Sabá?
Porque vens-me acordar? Porque estás a rugir?

A ESPHINGE

Ninguem! Podeis em paz mil annos mais dormir!

VIII

THEBAS

Os mil annos da esphinge estão passados.
Estorço-me com tardo movimento
No profundo lethargo; e lento e lento
Os meus cilios descerram-se pesados.

BABYLONIA

Que voz escuto? É Thebas que murmura!
          És tu, irmã, que cinges
De cinzelado acantho a fronte pura,

Em que fitam-se os olhos das esphinges?
Irmãs, em que paragens vos deixaram
O grifo e o ibis, quando vos levaram?
Respondei-me com o baque das ruinas,
Os clamores dos povos revoltados,
O silvo agudo das espadas finas
E a marcha compassada dos soldados;
Com o estrondo do throno, que se abate,
A voz dos cistros, que nos templos soam,
A quéda das columnas que esboroam,
E o sibilar das settas no combate.

NINIVE

Perto de vós habito;
Mas sinto-me decrepita. O cansaço
Me impede de subir ao meu terraço;
E a minha escadaria de granito
Desaba e rúe-me aos pés a cada passo.
Musica de aureo cistro
Não mais em meus jardins vibrando sôa;
Minhas ruas povôa
Um silencio sinistro.

Nas minhas longas salas solitarias
Pavorosa mudez paira e domina,
Salvo o sussurro hostil das parietarias
Meneiando-se ao vento da ruina.

PERSEPOLIS

Guiava, quando ouvi o vosso grito,
Um rebanho de grifos sequiosos
Aos meus tanques de naphta. Eu habito
As regiões do Iran.
Teço cada manhã
Vestidos vaporosos
Para as lindas huris,
Fadas do meu paiz;
E reanimo, quando a noite desce,
Sob as cinzas o lume da lareira
Para emprestal-o a alguma forasteira
Estrella que fenece.
Ouvistes o rugido aspero e forte
Do meu carro de guerra,
Que espalha a confusão, o espanto, a morte,

Com as duras rodas abalando a terra?
Minha voz é o relincho dos ginetes
No turbilhão ardente da batalha;
É o silvo da setta, que retalha
O ar, e rompe os ferreos capacetes.
Ouvistes vós o grito immenso e rudo
　　　Que fez arfar-me o seio?—
—Ao retinir da espada contra o escudo
Na pugna do Granico levantei-o.

SABÁ

　　　É longe o meu paiz.
Nem magos, nem astrologos conhecem
　　　Que regiões o limitam;
Ergueram-me as muralhas as peris;
Para o infinito as minhas torres crescem,
　　　E fadas as habitam.
　　　Não existe rainha
　　　Mais sabia do que a minha.
Do hieroglipho as lettras mysteriosas
　　　No enigma profundo
Não lhe occultam as cousas que ciosas

Vendam-se a todo o mundo.
Seu templo é de coral;
Sua vergasta magica, encantada;
E a senda do seu templo colossal
Tóda de areias de ouro semeiada.

BACTRES

Meu rei um dia chamou-me
Da Media á montanha. Alli
Por ardua senda levou-me,
E eu com elle subi.
E á doce luz da manhã
Ao contemplar-me a belleza,
Deu-me, em antes de partir,
Tres settas para a defesa.
Deu-me após um talisman
Para fazer um collar,
Tres torres para subir,
Tres deuses para adorar.
E hoje um mago, abrindo o véu
Do abysmo do tempo escuro,
Vaticinou-me o futuro,
Lendo-o nos astros do céu.

PALMYRA

Hontem sahi, triste e só,
E fui contemplar de perto
A vastidão do deserto
Envolto em nuvens de pó.
Minha columna, que assenta
Na areia, fita ao redor
A sombra pulverulenta
Das tamareiras em flôr.
A minha porta robusta
Gyra nos gonzos, sonora;
Esta solidão me assusta,
Quero fugir; — ir-me embora.
Clamo embalde! Ninguem passa!
Ninguem me escuta a afflicção!
E o meu grito de desgraça
Perde-se pela amplidão.
Ouvistes, irmãs? — Fallei
Com um muro que desabava,
E um diadema, que tombava
De uma cabeça de rei.

BABYLONIA

Eu ouço-vos, irmãs! A vossa multidão
Ruge em torno de mim, como um grande tufão.
Para engrossar melhor o clamor vós bateis
Imperio contra imperio, em um compasso rudo,
Espada contra espada, escudo contra escudo,
E o povo contra povo; — emfim, reis contra reis.
Eu vos escuto! e ainda, irmãs, não vos enxergo,
Não vos vêjo atravez das muralhas que habito.
De mil deuses ao peso enorme a fronte vergo,
Repouso-a sobre os meus joelhos de granito,
E, como uma mulher fatigada, dormito.
Para os nomes dizer dos idolos que adoro,
Da lingua e da memoria a fraqueza deploro;
Innumeraveis são; é mais facil contar
As folhas da floresta, as areias do mar.
Irmãs, tenho uma ideia: — o que dirieis vós
Si em magica caldeira arrojassemos nós
Amuletos de bronze, abutres, serpes de ouro,
Misturassemos tudo, e n'esse fervedouro
Fundissemos um deus, dando-lhe um nome só?

—Não perderemos mais, dos caminhos no pó,
Da peregrinação dos tempos nas viagens,
Dos deuses da lareira as queridas imagens.
Um valido colosso, immenso, illimitado,
Do mundo em qualquer parte acharemos ao lado,
Intermino gigante; —um deus, que de um só passo,
Possa os tempos transpor, possa transpor o espaço.

AS CIDADES

Sois a maior de nós, e tendes mais edade.
Que devemos fazer?

BABYLONIA

Vamos! Cada cidade
Apparelhe e retome o seu carro estridente,
E todas volteiae vertiginosamente,
Como em magica dansa, arquejante e veloz,
Em torno da caldeira; e, umas de outras após,
—Bactres, lança-lhe dentro a divindade vã
Do teu bronzeo centauro; os teus dragões do Iran,
Persepolis; — apanha, oh Memphis, do teu Nilo
As escamas subtis do voraz crocodilo

Do teu culto sagrado. Oh Thebas de cem portas,
Porque vacillas tu? que fazes, que não cortas
Da tua negra deusa as annelladas tranças?
Ninive, porque ainda hesitas, que não lanças
As estrellas da mitra? — Um robusto elephante
Póde, Sabá, trazer, com passo vacillante,
Teu vosto, eburneo deus, millicipite, annoso,
Deitado em seu pagode immenso e sumptuoso.
Passae, correi, gyrae, vertiginosamente,
Com magico furor, cidades do Oriente;
Emquanto volteiaes na rapida carreira,
Misturo terra e céus no fundo da caldeira.

AS CIDADES

Vemos sempre surgir d'esse trabalho estranho
Deuses de ouro, de bronze e cobre e ferro e estanho.

BABYLONIA

Mais eis surge tambem o idolo-colosso
Da caldeira do mundo ao fervido alvoroço,
Que borbulha e transborda, e fumegante estala,
Com horrido estridor, que os muros nos abala.

Faltam-lhe garras, bico, azas para voar,
E os anneis de reptil para no chão rojar.
Eil-o que sobre os pés, como um homem, se alteia.
Em verdade, dir-se-hia um ancião da Chaldeia,
Que viveu sempre occulto em recesso profundo,
E pela vez primeira apparece no mundo.
Ehoha, Jeovah, Allah... que nome tem?

JERUSALEM

Eis-me aqui.

BABYLONIA

Quem fallou?

JERUSALEM

Fui eu, Jerusalem.

BABYLONIA

Vens tu nos emprestar algum deus, sem penhor?

JERUSALEM

Eu trago-vos um deus, de todos o melhor.

BABYLONIA

Guarda, Jerusalem, esse têu deus antigo.
De que nos serviria?—E' feito como tu;
É um deus sem abrigo,
É um deus sempre nú,
Vagabundo, atravez da vacua eternidade.
A noite sobrevem, e nenhum tecto o cobre;
A fria chuva cae, reboa a tempestade.
E elle não tem siquer um manto roto e pobre
Para aquecer-lhe o corpo em sua velha edade.
Triste, exilado, só, além, no firmamento,
Sem repousar jamais, batido pelo vento,
Eil-o vae, como tu, pelo deserto inteiro,
Pobre escravo, a chorar, aos açoites do archeiro.

JERUSALEM

Attendei-me! Eu vos trago uma noticia.— Eu ia,
A passo triste e lento, até a margem fria
Onde Joppe se cava em crespo mar profundo,
Banhar os pés e ver os terminos do mundo.
Meus prophetas, subindo ás torres colossaes,
Me fizeram signal de voltar para traz;
E n'essa mesma noite, ao vir surgindo o dia,
Mostraram-me, escondido em uma estribaria,
Um berço; — e n'esse berço um deus recemnascido.
De uma auréola brilhante estava revestido
O seu rosto infantil. Deu-se o caso em Belem.
E disseram-me então:— Vê, vê, Jerusalem,
Como elle é pequenino! Os ingenuos pastores
O tosco e humilde berço adornam-lhe de flôres,
E unem, para saudal-o, aos canticos das aves,
Da branda, agreste avena, as musicas suaves.

THEBAS

Porque não o tomaste em cima dos joelhos?
E porque não chegaste aos seus labios vermelhos
De branco e puro leite a teta dura e cheia?

JERUSALEM

Acalenta-o gentil virgem de Galileia.

MEMPHIS

Ricas faixas acaso o envolvem, no preseppe,
Como as que têm meus reis nos tumulos de Alep?

JERUSALEM

Faixa nenhuma tem; — mas seu cabello louro
Scintilla, como o sol, vibrando raios de ouro.

BABYLONIA

Veste-lhe o niveo corpo uma mantilha rara
Que com astros da noite um mago lhe bordára?

JERUSALEM

No instante em que o fitei, o frio era-lhe a tunica,
E o vento lhe cosia essa mantilha unica.

BABYLONIA

Mas, certo, á sua porta, um par de grifos jaz;
De sob as patas d'este escôa-se fugaz
Uma fonte de naphta...

JERUSALEM

Ha apenas na soleira
Dois anjos, empunhando uns ramos de palmeira.

BABYLONIA

Vamos a ver, irmãs, esse deus recemnado.
Voltaremos depois ao trabalho encetado.

THEBAS

Reservo-lhe um logar no templo de Luxor.
— Do portico soberbo em baixo da arcaria,
As esphinges, n'um grupo immovel, noite e dia,
O embalarão na paz de um somno sem rumor.

IX

OS REIS MAGOS

O REI DE SABÁ

Parto, Rainha, adeus! Si, por ventura,
Na viagem, da morte a mão ferir-me,
Com balsamos da Syria, essencia pura,
Mandae o corpo macilento ungir-me.
Collocae-me entre as nuvens do infinito,
Posto ao meu lado o sceptro de ouro fino,
Em mausoléu soberbo, esmeraldino,
Alto como as pyramides do Egypto.

MELCHIOR, REI DA PERSIA

Minha guarda de grifos! Vigilante
Atalaia-me as portas da cidade,
Emquanto eu fôr distante
Com o coração partido de saudade.
Si vier assaltal-a
Um rei de raça estranha,
O assedio me assignala
Incendiando o cimo da montanha.

Minhas esposas sem conta,
Ou quando a noite fenece,
Ou quando o dia desponta,
Cantem n'um côro uma prece
Com seus labios de nacar e jasmim,
E ao desatar o turbante,
No banho morno, enervante...
Ah! suspirem n'esse instante
E enlangueçam de amor, pensando em mim.

Cinzele-se a minha historia,
Dos homens para a memoria,
Na superficie marmorea
De um rochedo mil vezes secular:
Em grandes lettras estranhas,
Para que, vendo-as tamanhas,
Os ruivos leões, em sanhas,
Rujam de longe, pasmos de as fitar.

E si o meu imperio indaga
Em que paiz, em que plaga,
O seu monarcha divaga
Na ingrata ausencia, intermina e cruel,
Mandae-lhe que uma mesquita
Construa, enorme, infinita
Como a torre espantosa de Babel.

E lá nos pontos distantes,
Onde este meu reino finda,
Postados e vigilantes,
Grifos, — esperae-me a vinda.

OS GRIFOS

Como ficar tranquillos, em repouso,
Si nos sacode o vento impetuoso
Que do infinito vem?
Como velar ás portas da cidade,
Quando nos chama a voz da Eternidade
Do lado de Belem?

O halito de um deus nos roça as crinas,
E, respirando os céus, nossas narinas
Se unem para partir;
Como cães a correr diante do dono,
Diante de vós, em vez d'este abandono,
Senhor, deixae-nos ir.

BALTHAZAR, REI DE BABYLONIA

Possuo cem cidades, cem castellos;
Cada castello envia cem camellos,

E cem cada cidade.
Commigo vão riquezas fabulosas,
E, digo-o sem vaidade,
Os presentes mais bellos:
Fardos de myrrha; seda purpurina;
Lindas baixellas de ouro;
Mil fogosos corseis de raça fina,
Cada um posta a redea ás mãos de um mouro.
Meu throno de marfim é conduzido
Por quatro reis soberbos da Ethiopia,
Todos da côr de ebano polido.
Enchem-me o largo pateo em basta cópia
Tecidos preciosos;
Candelabros custosos;
Espadas cravejadas de brilhantes;
Trabalhados por dedos feminis,
Riquissimos turbantes;
Transparentes viris
Para queimar o arabico perfume,
Voluptuoso incenso.
Mordendo os freios, que despedem lume,
Do ouro e da prata aos brilhos,
Já soffregos corseis do pateo immenso
Escarvam os ladrilhos.

Já os falcões fragueiros
De esperar se intediam
Nos punhos dos alegres escudeiros;
Já os doceis camellos, que contentes
A basta carga, ha pouco, recebiam,
Levantam-se impacientes;
E gyrando nos eixos estridentes
Clamam os carros. — Lá desponta o dia!
Já os céus purpureia a aurora pura!
Estrella da manhã, surge e fulgura,
E serve-nos de guia.

A ESTRELLA

Fui eu, carros de myrrha sonorosos,
Quem por vós esperou a noite toda;
— Acompanhae os sulcos luminosos
Que imprimo pelo azul com cada roda.

OS CARROS

Tens mais leves que nós as rodas brancas,
E é mais rude o caminho que fendemos;

Mas com os duros timões açoitaremos
Das nossas eguas as redondas ancas.

A ESTRELLA

Segui-me!

OS CARROS

Nós partimos.

A ESTRELLA

Onde estaes?

OS CARROS

Na esteira de aureo pó, que levantaes.

OS REIS MAGOS

Somem-se á vista os reinos que deixamos,
Perdidos na distancia. Atravessamos
Diversas regiões, varios paizes,
Cidades differentes,

Flóras raras, de excentricos matizes,
Novos climas e céus e estranhas gentes.
Não paramos na rapida passagem;
Os sceptros de ouro fino
Nos servem de bordões de peregrino
N'esta longa viagem.
E quando a noite clara
Rórido humor gotteia, frio e lento,
O abrigo das corôas nos ampara
Do morbido relento.
Nunca em dias festivos povos tantos
Nos vieram beijar os regios mantos.

Mansos, na encruzilhada dos caminhos,
Grandes leões, com uivos de carinhos,
Para os nossos festins
Da tamareira os fructos nos trouxeram,
E aguias dóceis nas fontes nos encheram
As taças de rubins.

Impacientes, os sonoros rios,
Em cujos leitos largos e sombrios,
Nos contemplamos nós,

Attonitos da luz das bellas gemmas,
Que rutilam nos nossos diademas,
Nos vem correndo após.

Erguendo o collo nas beiraes dos ninhos,
Ruflando as azas, ledos passarinhos
Nos saúdam trinando,
E a viração do mar, beijando as vagas,
Parece, despedindo-se das plagas,
Seguir-nos, murmurando.

A ESTRELLA

Redeas soltae ás eguas offegantes.
Uma nuvem me arrasta o eixo; e o vento
Veloz me impelle as rodas fumegantes.
Levo commigo os dons do firmamento:
— Uma aureola de luz inalteravel
Ou de noite ou de dia,
Um manto azul, com fina pedraria,
De um preço inestimavel,
E um thuribulo, que arde e não consume

Dos astros o perfume.
Por toda a parte, onde ligeira passo,
Encontro fresco orvalho que mitiga
O seio palpitante, da fadiga
D'esta viagem rapida que faço.
Os astros immortaes,
Quando meu vulto ao longe se assignala,
Revestem véus de gala
E vêm saudar-me em grupos festivaes,
E só de ver a luz que em mim fulgura,
O phantasma do Nada, que se espanta,
Sobresaltado, torvo, se levanta,
E seguir-me procura.

OS REIS MAGOS

Do lado da planicie
Vemos sete pyramides que attingem
Dos céus a superficie.
As sombras da maior
Longas envolvem, cingem,
De todas a mais baixa,

Bem como um manto maternal que enfaixa
O pequenino filho com amor.
Em torno d'ella jazem merencorios
Obeliscos marmoreos;
Vastos templos; columnas e fachadas,
Por terra abandonadas,
Como a carga da caravana immensa
De um deus que, fatigado,
A houvesse retirado
Do dorso dos camellos, e na extensa
Areia argentea a houvesse derramado,
Para dormir, da lua aos raios louros,
N'um bosque de frondosos sycomoros.
—A seus pés estendido,
O deserto repousa adormecido.
Esse filho de rei, a quem levamos
Os presentes riquissimos e bellos,
Que solicitos vamos
Transportando no dorso dos camellos,
—É alli que o veremos?

A ESTRELLA

Ainda não. Marchemos.

OS REIS MAGOS

Avistamos agora
Uma enorme cidade, que murmura
Esplendida e sonora.
Um iris lhe colora
As muralhas de artistica structura.
As columnas lhe são menos pesadas
Do que os sceptros ás nossas mãos cansadas.

Scheicks e agás que impavidos cavalgam
Sobre ricos felizes
De cambiantes matizes
Em confuso tropel as portas galgam,
Acompanhados de veloz matilha
Que em fervida carreira
Alevanta uma nuvem de poeira
Que os ares apolvilha.
E emquanto arranca e foge cavalgata,

Os guardas da cidade numerosos
Nos acenam de longe cuidadosos
Com as lanças de prata.

Assomam curiosas ás janellas,
As mulheres mais bellas,
Perfumadas de essencias mais suaves
Que a flôr do limoeiro ao meio-dia.
Dois escanções entregam-nos as chaves
N'uma salva de ardente pedraria.

Cobre-a de sombra a densa ramaria
Da tamareira. O mar longo, amoroso,
Pára, prostrado em morbido abandono,
Sob as suas janellas, silencioso,
Durante a noute acalentar-lhe o somno,
Aliza as calmas ondas preguiçoso;
E vem com os labios languidos e frescos
Roçar-lhe os muros que dormindo offegam,
E as torres colossaes que resfolegam
Cingidas nos seus braços gigantescos.
É alli o palacio que buscamos?

A ESTRELLA

Ainda não; corramos.

OS REIS MAGOS

Vamos agora entrar
Pelo reino de Herodes. No horisonte
A cidade se apinha sobre o monte
Para ver-nos chegar.

Como um mago em delirio que retalha
Com as unhas a veste,
Eil-a rasga em farrapos a muralha
Que o corpo lhe reveste.

Vêm-se no chão prostradas
Em grande confusão
Torres arruinadas
Que nunca mais de novo se erguerão.

Enrosca-se o absyntho venenoso
Pelas janellas, com vigor secreto,
E o grou mysterioso
Lhe pousa sobre o tecto.
Da porta ás fendas a nocturna brisa
Clamar sinistra vem:
Jerusalém divina, — prophetisa!
Falla, Jerusalém!

A ESTRELLA

Mais além! mais além!

OS REIS MAGOS

É, pois, da terra á extrema edificado
O magestoso e bello
Esplendido castello
D'esse rei recemnado?
As cidades e aldeias
Mouriscas e indianas
Levantadas nas turbidas areias
E em meio das savanas,
Minaretes que vão beijar os céus,

Pyramides, columnas altaneiras,
E regios mausoléos
Á sombra das palmeiras,
São o portico altivo
Por onde o mundo acode
Para seguir festivo
A senda que conduz ao seu pagode.
Os deuses que encontramos
São os seus messageiros
Que o vão annunciar alviçareiros
Pelos caminhos que peregrinamos.

A ESTRELLA

Caminhae mais ligeiros,
Que nos approximamos.

OS MAGOS

Desvairas, bella estrella, errando a tôa?
Paços, cidades, a distancia venda
Já para traz de nós. Esta ardua senda
As rodas nos magôa.

Não mais vemos ás portas sumptuosas
Mulheres assomar,
Cravando em nós as vistas curiosas,
De um modo singular.

Não mais do cistro a musica serena
Nos ares se dilata,
Nem solicita guarda nos acena
Com as lanças de prata.

Apenas vê-se uma choupana pobre,
Toda de humilde colmo fabricada;
De passaros um bando o tecto cobre,
E trina, em revoada.

Vacillam os degráus da antiga escada
Ao passo aventureiro
Que se affouta a galgal-a,
E o proprio pegureiro
Receia pratical-a.

Volvamos para traz. Este caminho
É repugnante e triste;
Tudo aqui é mesquinho;

E o scello da miseria em tudo existe.
Estes toscos degráus,
Carunchosos e maus,
Apodrecem de velhos...

A ESTRELLA

É aqui! — Reis soberbos, de joelhos!

X

PASSARINHOS, *esvoaçando sobre o tecto da mangedoura, onde se vê o Christo, no berço*

Acorda, gentil infante,
No teu berço de innocencia,
Vimos a luz da existencia,
Nós e tu, no mesmo instante.

Nossa pennugem, que nasce,
Nos veste o corpo — formosa
Como a aureola luminosa
Que te ondeia em torno á face.

Desperta, louro menino!
Nossos paes — de toda a parte
Nos mandam para saudar-te
No teu berço pequenino.

Ah! como o céu é profundo!
Como é bella a terra infinda!
E quanta cidade linda
Na immensa amplidão do mundo!

É para ti que se canta
O hymno dos passarinhos:
Vê como o sol se levanta!
Como scintilla nos ninhos!

Como o jardim solitario
Das oliveiras — verdeja,
E te contempla e festeja,
Sorrindo ao longe — o Calvario!

Que soberba comitiva
Essa que chega de além!
—É dos reis magos, que vêm,
A caravana festiva.

Mal a rude escada passam,
E os velhos degráus transpõem
Esporas de ouro deslaçam,
Joelhos em terra põem.

Que ondados fios de prata
Rutilam tenues, garbosos,
Nos seus turbantes vistosos,
Nos seus mantos de escarlata!

Seus carros correm, gyrando
Nas rodas, com a rapidez
Das nossas azas cortando
Dos ares a placidez.

Corôas de pedras finas
Lhes pesam á fronte, apenas
Como as gottas crystallinas
Que nos fulguram nas pennas.

Elles vêm da extremidade
Da terra, — de longes mundos;
São todos sabios profundos,
Curvos ao peso da edadé.

Não ha perolas fulgentes
Que attraiam, que valham mais,
Que os faustuosos presentes
D'estes reis orientaes.

CORO DE PASTORES

Si é de nós, que fallaes, plumeos cantores,
Não somos reis; mas simplices pastores;
Trazemos os presentes da penuria:

Pelles de lontra, cruzes de avelleira,
E agulhas fabricadas de madeira
Cinzelada, de fina côr purpurea.

Nunca nos sobra a minima moeda
Para comprar o ouro, a prata, a seda,
Das cidades aos ricos mercadores;
A escravidão com os ferros nos esmaga;
Nosso humilde salario ninguem paga;
Somos pobres e miseros pastores.

Si és um bom lavrador, no leito acórda;
A nossa gleba de suor transborda;
Já brotam os renovos;
Ceifeiro, vem dos tempos nos escombros
Carregar sobre os teus robustos hombros
Uma seara esplendida de povos.

UM ANJO, *dedilhando uma harpa*

Teu pae, n'esta harpa fagueira,
Tres aureas cordas prendeu:

É para elle a primeira,
Feita da luz feiticeira
Dos vivos astros do ceu.

A segunda, em seus louvores,
Canta o affecto sem egual
De tua mãe virginal;
Diz a terceira os albores
Do dia, que é teu natal.

Dorme e sonha, infante louro,
D'esta harpa os sons escutando,
Docemente imaginando
Que estás n'uma nave de ouro;
Que o teu berço é de diamante,
E que a tua estribaria
É feita da pedraria
Do firmamento radiante.

Um mago, que me encontrou,
Predisse-me o teu condão,
E uma fada o soletrou
Nas linhas de tua mão.

Quando cresceres, os filhos
Dos reis, feridos de espanto,
Dirão: Troquemos o manto;
De tua corôa os brilhos
Vibram melhor, que os das gemmas
Dos nossos ricos diademas.
Dirão as flores da aurora,
Pendentes dos caules bellos;
— Dá-me o aroma que vapora
Dos teus fulgidos cabellos.
E cada estrella radiosa,
Que no ether azul fluctúa:
— Nossa auréola luminosa
Scintilla menos que a tua.
Ha de invejar-te a brancura
Da fina tunica o cysne,
Inda que o limo não tisne
De suas plumas a alvura.

A VIRGEM MARIA

Longos véus de ouro não peço,
Nem grinalda de noivado,
Nem collar aprimorado,
Nem braceletes de preço,
Que as virgens prendem aos braços,
Nos grandes dias de festa
Quando vão aos regios paços.
A minha supplica é esta:
— Peço um retalho de lan
Para dar calor ao berço
Do maior rei do universo,
Que nasceu esta manhan.
Ah! si este louro menino,
Tão debil, tão pequenino
Viesse acaso a expirar
Entre meus braços cingido,
Quem me faria o vestido
De lucto, para o chorar?
A côr do ébano sombria

Bem escura não seria,
Para que eu d'ella fizesse
A torre em que me escondesse.
Nem o manto luctuoso
Da negra noite, no céu,
Seria tão tenebroso
Que me servisse de véu.

Mal desponta a rubra aurora,
E inda vem distante o sol:
— Porque cantas, rouxinol,
Em tão matutina hora?

Cegonhas, porque no ninho
Bateis as azas tão cedo?
— Não desperteis meu filhinho,
Do somno profundo e quedo.

Vosso trabalho é apenas,
Á doce luz da alvorada.
Carregar nas leves pennas
Tenues gottas da orvalhada.

E elle vae cingir, — coitado!
Na cabeça pequenina,
Um diadema pesado,
Uma corôa divina.

CHRISTO, *acordando*

Mãe, nos teus braços me aperta.
O rouxinol no caminho
Canta; a cegonha desperta
E bate as azas no ninho.

A VIRGEM

Aos hombros te hei de embalar,
Emquanto o rouxinol canta,
Emquanto o sol se levanta
E vê-se o orvalho brilhar.

CHRISTO

Mãe, és só? Meu pae, aonde
Reside, que inda o não vi?

A VIRGEM

Longe, bem longe d'aqui.

CHRISTO

E porque não vem? Responde.

A VIRGEM

Seu craneo robusto, immerso
No firmamento radioso,
Supporta um fardo espantoso,
Pesado como o universo.

CHRISTO

Para podermos chegar
Á cidade, que elle habita,
Ha muito que caminhar?

A VIRGEM

Uma distancia infinita.

CHRISTO

No momento, em que acabar
A obra immensa, em que envida
Tanto esforço, tanta lida,
Para nós ha de voltar.

A VIRGEM

A obra, a que elle preside,
Nunca se terminará;

Nós é que havemos de ir lá
Buscal-o, aonde reside.

CHRISTO

Mãe, quando eu crescido fôr,
Sosinho o irei chamar.

A VIRGEM

Comtigo me has de levar,
Oh filho do meu amor.

CHRISTO

Uma auréola, como a tua,
Sobre a fronte lhe rutila?

A VIRGEM

De nuvens é feita a sua,
De luz intensa e tranquilla.
Um grupo de astros, brilhante,

É o alfinete que prende
O manto largo e fluctuante,
Que sobre os hombros lhe pende.

Seu tecto é o azul immenso;
E o sol, grande e solitario,
Ao fundo dos céus, suspenso,
Lampada lhe é de operario.

E essa miuda neblina,
Que a manhã no espaço róra,
É o pó que se evapora
De sua vasta officina.

XI

UM LEÃO COROADO

Ha mil annos sustento
Na fronte esta corôa, que me esmaga;
Nem do deserto o furioso vento,
Nem a marinha procellosa vaga
Poderam abatêl-a;
Pude, até hoje, intacta defendêl-a;
E hoje um menino fragil a derruba.

CHRISTO

Quero tocar-te a juba

O LEÃO

De pó tenho coberto o largo dorso,
E a minha juba é alta e sobranceira;
Mas, si a queres tocar sem muito esforço,
Eu deito-me a teus pés, na tua esteira.

UM GRIFO

O equino pé ligeiro
Não me corria muito velozmente;
Vim sobre as azas, por chegar primeiro
Do que os reis do oriente.
Trago-te grãos de areia de ouro fino
Que róla o Euphrates na corrente leda;
Trago-te persia seda
Para tecer-te um manto purpurino.

CHRISTO

Tu, bella aguia, que trazes no teu bico?

A AGUIA

Trago um tributo rico
De pennugem, com que te forre o berço;
Trago tambem um globo do universo
Que uma aguia calabreza
Ao ninho, em Roma, carregava, presa
Levada á garra adunca, em sangue tincta,
Para atiral-o, como farto espolio,
Á prole insaciavel e faminta.
Que habita o Capitolio.

OS REIS MAGOS

És tu, senhor dos céus?
Quando da vida á luz se descerraram
Os bellos olhos teus
As estrellas as palpebras fecharam.

Quando ás maternas mãos desfeita viste
Rolar-te ao collo a nuvem dos cabellos,
Da aurora a pompa em torno sacudiste
Simplesmente ao movel-os.

Assim, pela manhã, de um lago morno
Sahe um cysne; e, batendo as niveas plumas,
Com as nitidas gottas das espumas
Uma nuvem de orvalho esparge em torno.

O ramo, que te viu primeiro, anceioso
Ao caminho contou teu nascimento,
Filho do rei dos céus prodigioso;
Disse-o o caminho ao rio, o rio ao vento;
Levou-o o vento ao mar, o mar ao monte;
E por todos os pontos do horisonte,
Caminho, rio, vento, monte e mar,
Todas as vozes n'um só echo uniram,
E n'um côro o teu nome repetiram;
E para te adorar,
A teus pés nos curvamos,
Como dobram-se ao vento os frageis ramos

Aurilavrada taça te offertamos ;
Mãos divinas lavores lhe teceram ;
Todos os nossos reis n'ella beberam ;
Beberam n'ella os deuses, que adoramos.
E o deus mais poderoso,
Como agua e vinho, d'essa taça ao fundo,
Dissolveu, com o dedo mysterioso,
Os suores e as lagrimas do mundo.
Eil-a.

A VIRGEM

Repelle o calix da desgraça;
O fel, o amargo absintho as bordas lhe ungem.

OS REIS MAGOS

Fel, nem absintho; ao fundo d'essa taça
Fervem somente lagrimas que pungem.

CHRISTO

A minha mão, tão fraca e pequenina,
Não pode ainda aos labios meus levar,
Essa taça divina
Que vindes-me offertar.

OS REIS MAGOS

Um genio, n'uma gruta de montanha,
Mil annos facetou com o seu martello
Esta corôa de rubins estranha,
Este diadema coruscante e bello.
A Brahma pertenceu; Memnon herdou-a;
Mas para t'a offertar,
Tiramos lhe a corôa
Depois de o desthronar.

A VIRGEM

Este diadema, horror!
Pontilha-se de espinhos da Judeia.
E ha n'elle um sangue rubro, que gotteia...
Não lhe toques, Senhor.

OS REIS MAGOS

Não são gottas de sangue, que transudam
D'elle; nem vês espinhos penetrantes;

Mas estes cravos de ouro, scintillantes,
É possivel que illudam
Tua vista, de lagrimas turbada...

CHRISTO

Minha fronte infantil não é tão forte
Ainda, que supporte
Corôa tão pesada.

OS REIS MAGOS

Si os nossos dons te pesam, e te invade,
Só de vêl-os, o susto,
Quando fôres robusto
Te hão-de servir. A força vem com a edade.

CORO DE PASTORES

Adeus, vindimador, que enches a taça,
Com o pranto, que da vinha a seiva encerra,

Lenhador, cuja fronte cinge e enlaça
Quantos espinhos multiplica a terra.
Depois dos reis da Persia e Babylonia
Seria uma vergonha
Mostrar nossos miserrimos presentes;
E de pejo e de pasmo
A voz dos nossos carros estridentes
Soará como um grito de sarcasmo.
Volvamos para traz. O Deus-menino,
Contemplando os reis magos,
Não voltou para nós o olhar divino,
Sómente para nós não teve affagos.

CHRISTO

Melhor que os regios dons me acorda e exalta
No coração o amor,
Da aurora o pranto que brilhando esmalta
O pé descalço e humilde do pastor.

OS REIS MAGOS

Vis escravos, que dizeis?
Grande principe, comnosco
Vem; deixa o estabulo tosco
Por nossos paços de reis.

Nosso tecto é cravejado
De pedrarias brilhantes.
— Viajarás embalado
No dorso dos elephantes.

Nossos palanquins parece
Que dão na seda um repouso
Tão molle, tão preguiçoso
Que os sentidos entorpece.

Por sobre a tua cabeça
Nossos povos abrirão
Um pallio de sombra espessa
Onde o sol, batendo em vão,
Todo o calor amorteça.

Da Persia as formosas fadas,
De diamantes vestidas,
Hão de cantar-te toadas,
De tua mãe não sabidas

E esphinges rudes, marmoreas,
Do amplo deserto virão
Contar-te antigas historias,
Mais velhas que a creação.

CORO DE PASTORES

Ingremes são as veredas
Onde os nossos carros passam;
Pedras asperas e tredas
As rodas lhes despedaçam.

E elles pesados e lentos,
Sobre as pedras sacudidos,
Reflectem longos gemidos
Na voz piedosa dos ventos.

A neve cahe atravez
Dos nossos tectos gretados,
E ha de vir molhar-te os pés,
Pequenos e delicados.

E os passarinhos virão,
Aligero bando amigo,
Comer-te na fragil mão
Tenues migalhas de trigo.

Verás frautas penduradas
Pelas paredes soturnas,
E, á porta, as velhas cansadas
Das longas lidas diurnas.

Fadas de um palmo de altura,
Que um velho farrapo cobre,
Com ar decrepito e pobre,
Que inspiram magua e ternura,

Virão, á noite, mendigas,
Pedir-te esmolas no leito,
Quebrada pelas fadigas
A voz rouquenha no peito.

E os fogos fatuos, que dansam
Na treva dos cemiterios,
Emquanto os chorões balançam
Ao vento os ramos funereos,

Virão em chusmas espessas,
Provar, como espectros vagos,
Nas vaporosas cabeças,
As corôas dos reis magos.

CORO DOS REIS MAGOS

No meu paiz, o sol, como um rei mago,
Que ao throno vae subindo, se levanta;
Em torno o incenso esparge aroma vago,
Que os sentidos encanta;
O limoeiro cresce;
Cheirosa gomma cada tronco estilla;
A tamara floresce,
E o amor nas tendas da mulher se asyla.

A cegonha, no tecto que mais ama,
O ninho tece, e affaga a prole implume;
A areia é de ouro; e as sombras embalsama
A myrrha voluptuosa com o perfume.
Tranquillo o céu, com alegria estranha
Do meu paiz nos lagos se recreia;
Vem commigo; verás o mar que o banha
Como as praias de perolas semeia.
E poderás, sem que elle se enfureça,
Sem que lhe espume a crina esverdeiada,
Roçar-lhe a mão na humida cabeça
        Electrica, humilhada.

CORO DE PASTORES

No nosso, o sol se deita no horizonte
Como um trabalhador, que dorme a sesta;
Verde cresce o pinheiro sobre o monte
E a betula frondosa na floresta;
        A nuvem vôa escura;
        A folha morta geme;
A gruta chora; a brisa, que murmura,
No tenue colmo suspirando freme;

E o mar, branco de espuma, guia ás plagas,
O seu rebanho mugidor de vagas,
Padecerás á fome, á sêde, aos ventos;
E no teu abandono
Os cães sómente velarão teu somno,
Uivando, á noite, lugubres lamentos.

CHRISTO

Eu o paiz prefiro
Onde desfaz-se em lagrimas a gruta,
Onde do colmo exhala-se o suspiro,
Onde da folha o frémito se escuta.

XII

CORO

Tres falcões, de voar cansados, vimos
Pousar, fechando ao vento as azas largas,
De uma montanha altissima nos cimos.

Vertem dos olhos lagrimas amargas;
Punge-os a dor; da garra contrahida
Escapa-lhes a preza malferida.

Têm os bicos vermelhos
De sangue, até os olhos lacrimosos;
As unhas rubras; tinctos os joelhos,
Vacillantes, nervosos.

Tres reis magos, melenas desgrenhadas,
Tristes, chorando vão pelas estradas.
Pelas lividas faces, que se enrugam,
Lhes correm grossas lagrimas sentidas,
Que elles com as barbas candidas enxugam,
E com as mãos commovidas.
Perpassam como espectros;
Os peitos soluçando a dor lhes trahem;
Das mãos convulsas, tremulas, os sceptros
De um lago ao fundo cahem.
As corôas brilhantes
Baqueiam-lhes á flor de um largo rio;
E levam-n'as de envolta as trepidantes
Aguas com rouco e longo murmurio.
O oceano bem depressa
As cinge na cabeça
De espuma alva e sonora,
Na humida amplidão,
Que os reis viram outr'ora,
E nunca mais verão.

Uma cegonha, que no ninho estava,
E os falcões avistou,
Com surda voz, que o susto intercortava,
Aos tres falcões fallou:
— Onde a garra cruenta
Com que a presa rasgaveis,
Palpitante e sangrenta?
E as azas com que rapidos voaveis,
Porfiando com as nuvens da tormenta?
Affrontastes acaso, destemidos,
De Josaphat o abutre, em dura guerra,
Que extenuados vos prostrou, vencidos,
Na poeira da terra?
— Oh! não! —É o filho de uma pomba apenas,
Em cujas azas mal despontam pennas,
E sem força no ninho inda se agita,
Que inda no espaço o vôo não desfére,
Mas de morte os falcões da Arabia fére,
Si o manso olhar nos fita.

Uma bella cidade antiga, vendo
Os reis magos chorosos,
Lhes perguntou gemendo:

Onde estão vossos mantos sumptuosos?
Onde as vossas corôas? vossos sceptros,
Que eu mesma cinzelei?
E os vossos talismans, tristes espectros,
E as mitras, que vos dei?
Combatestes, decerto,
Algum principe forte, poderoso,
Que em linha de batalha, em campo aberto,
Vos fez fugir, glorioso,
Dos seus corseis ao impeto insoffrido,
E ao furor de um exercito aguerrido.
Fundibularios rabidos, certeiros,
As corôas a tiros vos quebraram;
Ferozes cavalleiros
Com as lanças os mantos vos rasgaram;
E cruentos archeiros
Com as settas os olhos vos vasaram;
E lagrimas de sangue derramaes...
— Oh! não! maior é a dor que nos anceia;
É um menino, nascido em Galileia,
Que o sceptro arranca aos reis orientaes.

OS CARROS

Si dos reis magos as riquezas todas
Menos que os dons do escravo têm valia,
Não sigamos os reis com as nossas rodas;
— Reside em Galileia o nosso guia.

AS PARELHAS

Recusam nossos pés, calçados de ouro,
Trilhar mais tempo do Oriente a lousa;
Queremos o paiz, onde repousa
O sol no occaso purpurino e louro.

BALTHAZAR, REI DE BABYLONIA

Sem carros, sem parelhas,
Como outra vez verei,

Com as bellas torres, altas e vermelhas,
A soberba cidade, onde sou rei?
De pejo, o meu paiz a fronte occulta,
Como o abestruz, na areia do deserto,
E n'um tumulo enorme se sepulta,
De ruinas coberto.
O filho da Judeia, por brinquedo,
Meus vastos reinos apagou com o dedo.
Cansados de esperar-me, se dissolvem
Meus povos, como um nó que se desfaz;
Meus castellos em fumo se resolvem,
Instavel e fugaz.
Aonde encontrarei
Um covil de leão, a que me acoite,
E onde possa dormir a eterna noite
De Babylonia o rei?

MELCHIOR, REI DA PERSIA

Passou, cortando do deserto as sendas,
Um arabe, em ginete ardente e bravo,
Para reunir e arrebatar ás tendas,
Meu povo, como escravo.

O REI DE SABÁ

Sentemos-nos no chão para chorar;
Já nosso poderio se evapóra,
Como a nevoa subtil que o sol devora
　　E derrete no ar.
Tudo se apaga; tudo se esborôa;
Os nossos proprios corpos, que esmorecem,
Como pallidas sombras se esvaecem,
E a nossa realeza em cinzas vôa.

BALTHAZAR

Vêde! Já não sou rei. Meu pranto frio
Lá se vae n'um regato converter,
Que lento e lento se transforma em rio,
　　Onde os grous vêm beber.

MELCHIOR

Já não sou mais que um fraco borborinho
Que frouxo e vago sôa,
Repetindo: Flôr da Asia, flôr de espinho,
Cahiu tua corôa.

O REI DE SABÁ

E eu apenas um raio transparente
Da noite, que murmura á ruina triste:
— Marmorea torre, torre do Oriente,
Teu tecto desabou; emfim, cahiste.

CORO

Chorae, falcões, no ninho; reis, na urze
Que, clamoroso perpassando, zurze
O vento oriental;

Escutae! — No deserto solitario
As esphinges se envolvem no sudario
Do candido areial.

O paiz do Oriente o estio perde
Que maduras nutria em ramo verde
As priscas divindades;
Solto o cabello aos ventos do infinito
Descem de chofre as tremulas cidades
Das torres de granito.

Com grande estrondo, a abobada se fende;
A columna abalada, oscilla, pende;
E a pyramide antiga,
Ao vacillar o suppedaneo annoso,
Sob as azas do grou mysterioso
Supplicante se abriga.

Pallida esvae-se a multidão sombria,
Como os vapores do romper do dia
A' luz do sol fagueira;

Do mundo, que ante o novo se afugenta,
Resta de um povo a cinza, que alimenta
Uma esteril palmeira.

Curvo e gemente, enlucta-se no monte
Triste o cypreste; — da matriz a fonte
Se exhaure na aridez;
Pára o chacal no valle, um grito solta,
E a um mundo, que passou, que mais não volta,
Ruge: Acórda outra vez!

O echo na montanha, a voz na gruta,
O som no valle, o oasis que os escuta,
E o mar profundo, absorto,
O deserto, que os pés na areia esconde,
Tudo — n'um côro immenso lhe responde:
— Nosso deus Pan é morto!

De um deus recente o espirito enche o espaço;
Para transpor o mar, basta-lhe um passo;
Acaba de nascer,

Uva das Gallias, figo das Hespanhas,
Que germinaes da terra nas entranhas,
Quem vos hade colher.

Mas tu, velho Oriente, abandonado,
Ás plagas de Bysancio acorrentado,
Immovel ficarás,
Como um pachá, do seu navio á prôa,
Que o mar em vão com as vagas abalrôa
Na ancora tenaz.

Enche o cachimbo de opio inebriante;
Enrola á fronte o alvissimo turbante,
Que os raios do sol douram;
Conta as vagas, que passam uma a uma;
— Nenhuma d'ellas te trará na espuma
Os dias que se foram.

UMA ESPHINGE

Canoro viajor, que vaes passando,
Com voz festiva os echos acordando,
Dóceis aos versos teus,
Sabes si já no Libano elevado
Nasceu o duro cedro, destinado
Á cruz do novo deus?

XIII

NO INFERNO

LUCIFER

Comedia por comedia, a peça é boa.

ASTAROTH

E ridiculo o assumpto. Quando o Nada,
Com a bocca hiante, escancarada, rindo,
Vos beija as mãos á porta, — preferir-lhe
Este mundo chorão... bofé! tem graça.

LUCIFER

De acordo. Mas pensava, todavia,
Que Leviathan e a perfida serpente
Deveriam quadrar-te ao gosto artistico.

ASTAROTH

Lá d'esses, nada digo. Mas, com a trôlha
Arredondar a abobada celeste
Para abrigar das furias da tormenta
Quem? um verme? uma folha? um nada, ao menos?
Não! apenas um homem! — O desfecho
É de véras feliz, e bem merece
Vosso applauso e sincero enthusiasmo.

CORO DOS DEMONIOS

Silencio! Ouçamos Belzebuth!

BELZEBUTH

Doutores,
Potestades do inferno, egregios sabios
Em quanta cousa ha hi pelo universo,
Acabastes de ouvir, ha pouco ainda,
Da divina comedia o acto primeiro.
É fraco. A voz faltava aos nossos córos,
Como ás pallidas sombras, que açoitamos,
Debaixo do azorrague a voz fallece.
O oceano gaguejou; tremeu de velha
Babylonia; e Ninive, antes de tempo,
Em ruinas cahir desfeita vistes.
Que fazer? O defeito vem do assumpto,
E toda a creação vapora tedio;
Todos voltam-lhe o rosto, bocejando.

Si a vossa obra é um cahos, val por ventura
Do que ella mais, este universo aonde

Cada um entra e sahe, sem despedir-se?
Verdade, phantasia, qual o sonho,
E qual a realidade? Muitas vezes,
Percorrendo os caminhos de Antiochia,
Pareceu-me que os astros se apagavam
No vasto firmamento, como as lampadas
Do gondoleiro, á noite, á mingua de oleo.
N'este instante, pendendo a um lado, a outro,
Como um bebado, a terra cambaleia
Pelo caminho que conduz-me á porta:
Tu, com ella, poema embriagado,
Sem rumo, ao termo ignoto segue, aonde
Seu marco de poeira o Nada apruma.

Sempre amei com paixão a natureza;
E uma noite do Oriente sempre achou-me
Recostado nos troncos das figueiras.
Mas, aqui entre nós, posso dizel-o,
— Essa luz dardejada sobre as praias,
O azul do mar, a sombra das montanhas,
As vozes, que nas folhas suspiravam,
Os espiritos murmuros das fontes,

E essa poeira de ouro arremessada
Ás mancheias aos olhos do universo,
Não passavam de falsas apparencias,
Illusões theatraes, douradas nugas.
O processo hoje é muito conhecido;
É segredo das chimicas retortas.
Por tres dias lançae-me na caldeira
O firmamento, a terra, astros, materia,
Espirito, sciencia, amor e gloria,
E quatro grãos de carbonato, e, ao termo,
Ao fundo brilhará um fogo fatuo,
Que logo se desfaz em vago fumo.

Demais, em toda a obra a estreia é ardua;
E o Oriente, que rompe a vida humana,
É um pallido ensaio, que merece
Toda a vossa indulgencia. Com franquesa,
A mão incerta do divino mestre
Hesitava e tremia, tacteando
Fórmas e ideias, quando em vão gastava,
Petrificando um povo, milhões de annos,
E d'elles o melhor parado á sombra,

Na India, a descançar tempo de sobra
Para crear uns tres ou quatro mundos.
Em summa, quantos seculos perdidos
Em rebolcar uns tres ou quatro povos
Na lama impura e fetida do Nilo,
Sempre balbuciando a mesma ideia,
Em hieroglypho, em pedra cinzelada,
Em murmuras cidades numerosas,
Como um anjo calouro, que trepida
No meio dos versiculos, contando
Uma por uma as syllabas nos dedos!

Depois que afivelou todas as mascaras
Das religiões innumeras do Oriente,
E, sem pestanejar, disse: Com'o abutre
De Zebas, grasno; com o leão da Persia
Bramo; com a pomba da Chaldeia arrulo;
Com o crocodilo, gemo; e com a esphinge
Agacho-me nos porticos dos templos;
— Qual de nós não pensou que o Padre-Eterno,
Tornando-se, afinal, doudo varrido,
Representava uma divina farça,

De que se fez o personagem unico?
— Papel maravilhoso, na verdade,
E consummado o artista, si tivera
Em Babylonia sido menos tumido,
E menos affectado lá no Egypto.

Mas, a nós o ideial, e a elle o resto.
Sobre as azas subtis, palavra de honra!
Levantamos o assumpto a tanta altura
Que roçamos a abobada celeste,
Onde se aninha o passaro funereo
Que com lugubres pios acompanha
Cada palavra que nos foge aos labios.
O estylo foi revisto e castigado
Mil seculos durante; e é tão suave
Como os sons de uma lyra ás mãos de um anjo;
E, si é ouco algum tanto, é que amoldei-o
De geito a reflectir nosso modelo
Com mais fidelidade; pois suspeito
Que o céu errante e os astros vagabundos,
Deuses, almas e espheras crystallinas,
São bolhas de sabão de ethereas cores

Que distrahindo-se o Infinito assopra
Sobre a taça do mundo, posta a bocca
Enfastiada á ponta de um canudo.
— Mas, — sensação que os nervos me arripia,
Já ouço e vejo as aguas do baptismo
No leito do Jordão, fervendo ao longe...
Confrades, boa noite; eu me retiro.

FIM.